

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS  
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
PRÁTICA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**A AUTORIDADE DO PROFESSOR E O PRESTÍGIO DA SUA PROFISSÃO**

**Fabiana Barrera Galland**

Porto Alegre

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS  
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
PRÁTICA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**A AUTORIDADE DO PROFESSOR E O PRESTÍGIO DA SUA PROFISSÃO**

**Fabiana Barrera Galland**

Trabalho acadêmico submetido à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof. Dra. Roséli Maria Olabbarriaga Cabistani

Porto Alegre

2010

## **AGRADECIMENTOS**

À Prof. Roséli Cabistani pelo auxílio durante a escrita do trabalho, pelos comentários que me fizeram ver outros aspectos do assunto, pelas suas experiências profissionais que contribuíram para a construção do meu trabalho.

Às minhas professoras de estágio de Ciências e Biologia, Eunice e Russel, respectivamente, pela excelente orientação durante os estágios, pela disponibilidade a me ajudar nas dúvidas que se apresentavam também durante a escrita deste trabalho.

À Mara por fazer almoços gostosos depois das longas manhãs de escrita do TCC, e também por me distrair nos momentos de descanso.

À Máira que, além de ser uma amiga inigualável, está sempre disposta a ler os meus textos e dar suas opiniões particulares e muito válidas sobre o assunto.

Finalmente, às minhas duas referências principais de autoridade, respeito e amor: os meus pais, por estarem sempre acompanhando a minha vida acadêmica, torcendo pelo meu sucesso.

## **RECORDO AINDA**

Recordo ainda... e nada mais me importa...  
Aqueles dias de uma luz tão mansa  
Que me deixavam, sempre, de lembrança,  
Algum brinquedo novo à minha porta...

Mas veio um vento de Desesperança  
Soprando cinzas pela noite morta!  
E eu pendurei na galharia torta  
Todos os meus brinquedos de criança...

Estrada afora após segui... Mas, aí,  
Embora idade e senso eu aparente  
Não vos iludais o velho que aqui vai:

Eu quero os meus brinquedos novamente!  
Sou um pobre menino... acreditai!...  
Que envelheceu, um dia, de repente!...

Mario Quintana

## RESUMO

A crescente valorização da liberdade e autonomia do indivíduo, na sociedade atual, fizeram que a autoridade do docente ficasse comprometida, sendo comumente confundida com violência e domínio. No entanto, a idéia de não decidir ou interferir no destino dos alunos e, fazer com que ele mesmo construa os seus significados, não significa que o docente não possa exercer influências no estudante. A posição do professor no assunto abordado é essencial para que a construção da matéria se dê de forma eficaz e orientada. Contudo, os professores continuam a perder seu espaço de liderança, fazendo com que seja questionada sua função. A desvalorização docente pela sociedade pode contribuir ainda mais para esta situação. Portanto, o objetivo deste trabalho foi analisar o vínculo existente entre a dificuldade de exercer a autoridade nas escolas e a relação disso com o desprestígio da profissão docente. A metodologia utilizada foi baseada em uma abordagem qualitativa e, consistiu em uma revisão bibliográfica sobre o tema, algumas análises sobre o período de estágio realizados por mim nos anos anteriores, e principalmente, pela análise de um questionário semi-estruturado realizado com docentes de escola pública e particular, tanto do ensino médio quanto fundamental. Os resultados obtidos mostraram que os docentes entendem a importância da autoridade na sala de aula e a distinção dela do autoritarismo. A análise das respostas nos mostrou que existem algumas diferenças quanto à manutenção da autoridade em escolas públicas e particulares, evidenciando alguns pré conceitos da sociedade quanto a profissão de educador. A desvalorização da profissão foi notória nas duas instituições. A relação disso com a perda de autoridade foi confirmada por alguns professores, os quais se disseram desestimulados pela profissão, interferindo, assim, na sua autoridade.

**Palavras-chave:** autoridade; declínio da docência, relação docente.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>7</b>  |
| <b>2 JUSTIFICATIVA E OBJETIVO.....</b>  | <b>10</b> |
| <b>3 RECORTE TEÓRICO .....</b>  | <b>12</b> |
| 3.1 O que é autoridade? .....   | 12        |
| 3.2 Para que autoridade?.....   | 14        |
| 3.3 O declínio da autoridade na educação .....  | 17        |
| 3.3.1 Autoridade e mudanças de valores .....  | 17        |
| 3.3.2 Autoridades e novas estruturas familiares .....                                       | 19        |
| 3.4 Classificações da autoridade.....   | 20        |
| 3.4.1 Autoridade simbólica ou imaginária?.....  | 21        |
| 3.4.2 Três formas da autoridade segundo Furlani .....                                       | 22        |
| 3.5 O que influência no ato de exercer autoridade? .....                                    | 24        |
| <b>4 DELINEAMENTO METODOLOGICO .....</b>  | <b>27</b> |
| 4.1 Pesquisa Qualitativa .....  | 27        |
| 4.2 Método de Pesquisa .....  | 27        |
| <b>5 ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO .....</b>   | <b>29</b> |
| 5.1 Um olhar de estagiária para a função docente .....                                      | 29        |
| 5.2 O que o professor entende sobre autoridade docente? .....                               | 31        |
| 5.3 Professores distinguem autoritarismo e autoridade? .....                                | 32        |
| 5.4 O que não pode faltar em um professor que exerce autoridade de forma democrática? ..... | 32        |
| 5.5 O que um professor que exerce autoridade democrática NÃO pode ter? .....                | 36        |
| 5.6 Por quem a autoridade do professor é sustentada? .....                                  | 38        |
| 5.7 Quais os principais problemas de indisciplina?.....                                     | 41        |
| 5.8 O que mais interfere na autoridade? .....   | 44        |
| 5.9 Qual o valor da profissão docente?.....   | 48        |
| <b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>52</b> |
| <b>8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>   | <b>55</b> |
| <b>9 ANEXOS .....</b>   | <b>57</b> |
| 9.1 ANEXO 1: Perguntas realizadas para os professores durante as entrevistas .....          | 57        |
| 9.2 ANEXO 2: Respostas dos professores de escola pública.....                               | 57        |
| 9.3 ANEXO 3: Respostas de professores de escola particular .....                            | 59        |

## 1 INTRODUÇÃO

A autoridade do professor pode ser um dos fatores a garantir o sucesso de uma aula. No entanto, o ato de exercer autoridade é comumente usado como um atributo pejorativo. A caracterização de uma pessoa autoritária está normalmente associada com arrogância, inflexibilidade, sadismo e, nos piores casos, com violência. Contudo, um bom posicionamento do professor perante os alunos fará com que este seja respeitado e valorizado. Um docente que consegue marcar seu lugar dentro da sala de aula, obtém disciplina, organização e valorização do seu trabalho. Essas características contribuem para um melhor ambiente em sala de aula, assim como uma maior valorização dos momentos de estudo e, conseqüentemente, um melhor aprendizado por parte do aluno.

Sabe-se que a instituição escolar é muito mais do que um ambiente apenas de transmissão de conteúdos. É o lugar em que o aluno se relaciona com diferentes pessoas fora da sua família, faz novas amizades, aprende normas da instituição e regras de convívio com os demais. Adquirindo estas capacidades, supõe-se que o aluno estará aprendendo e se inserindo nas normas da sociedade. Com isso, esses princípios tornam possível que muitas pessoas, em um mesmo lugar, consigam conviver harmoniosamente, respeitando o limite de cada um, em um ambiente saudável e organizado.

A relação entre professor e aluno é extremamente importante para que estas regras de convivência se cumpram e se solidifiquem. O modo como o professor se relaciona com os seus estudantes em sala de aula, ou mesmo, como ele se comporta e ensina a matéria, influenciará em como o discente se comportará na instituição escolar. A autoridade do docente estabelecerá regras e limites, pois indicará os caminhos possíveis pelos quais o aluno poderá se dirigir. Isso permite um posicionamento do estudante perante o professor e a instituição escolar, delimitando as suas fronteiras de ação.

Contudo, a autoridade parece não ser muito apreciada pela sociedade. Um trabalho realizado por Arenhart (2006) com estudantes egressos do curso de Pedagogia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguay, a fim de investigar a “questão da identidade profissional de educador pelo viés dos pressupostos epistemológicos” (ARENHART, 2006, p.52) detectou que nenhum dos representantes incluiu no perfil do bom professor a “valorização das relações hierárquicas, em nome da transmissão do conhecimento” (ARENHART, 2006, p.60). Isso pode evidenciar que estes estudantes

depreciam as diferentes posições na instituição de ensino em que trabalham, mostrando certa recusa à autoridade do professor.

A autoridade poder ser comumente depreciada pelo fato de ser confundida com outra palavra parecida, porém de significado bem diferente: o autoritarismo. Esse usa a força como método de repreensão e não permite a liberdade do indivíduo. Nesse sistema as regras são impostas sem discussão e o único argumento considerado válido é o do “mandante”. Ao contrário do autoritarismo, a autoridade não usa força, pois, supostamente, ela não é imposta e sim aceita pelos alunos que entendem e respeitam a sua importância. Ela não precisa ser vista como algo limitante da autonomia e liberdade, pois as regras podem ser construídas conjuntamente entre os participantes. A autoridade tem como princípio ser entendida pelos dois lados (professor e aluno), os quais se situam em lugares predeterminados, efetivando uma relação respeitosa, diferenciada de uma relação ditatorial.

Não obstante, nas escolas (e na humanidade como um todo) são muito apreciados conceitos de igualdade e liberdade, onde todos devem ser livres para decidir e ter o mesmo tratamento e oportunidades, alegando-se que essas características contribuem para ações mais democráticas. No entanto, o excesso de liberdade e igualdade faz com que já não haja distinção entre o lugar do ser aluno e o lugar do professor. Porém, a distinção destas posições é essencial para que sejam preservadas as características de cada um dos lados, os quais demandam comportamentos diferentes.

Esse conceito de igualdade pode gerar confusões a respeito de qual o papel do professor em sala de aula. Ele é considerado uma autoridade? Um professor que tenha autoridade deixa de ser democrático? É importante permitir que todos tenham as mesmas oportunidades, contudo, não se pode ignorar que cada um tenha o seu lugar no espaço escolar, onde o aluno tem sua posição e o professor outra. Essas posições são necessárias para que haja uma diferenciação entre esses dois “personagens” e não se igualem, ao ponto de não se saber quem realiza qual função.

Sabe-se que atualmente existe uma grande crise na educação, onde os alunos não mais respeitam professores e o contrário também ocorre. A violência e a falta de limites são cada vez mais frequentes na relação entre professor e aluno, e todas essas características contribuem para um ambiente escolar de marginalização, contribuindo também para uma educação de péssima qualidade.

Sob essa ótica de desequilíbrio na educação, fica difícil explicar porque a autoridade do professor foi e é tão julgada? Por que ela foi perdida na contemporaneidade? Por que a



palavra “autoridade” é tão mal vista? Há alguma outra forma de governar a sala de aula sem autoridade?

Todas essas questões me fizeram refletir durante o período de dois estágios (ensino médio e ensino fundamental), onde me deparei com muitas situações de desrespeito entre os dois participante: aluno e professor. Situações de conflitos entre docente e discente, revelaram a falta de preparo dos professores em encarar certos tipos de situações. A autoridade dos professores é marcada por ameaças de ida à direção. Isso reforça a idéia de que o professor não consegue mais resolver os problemas com os alunos por si só, tendo que apelar para a direção como autoridade superior.

Foi evidente perceber que muitos alunos ignoram a liderança de alguns professores, e “fazem de conta” que ele não está em sala de aula, desafiando as normas da escola. Apesar de saber as regras da instituição, os estudantes continuam a agir erroneamente, pois não possuem alguém, em um posto mais “alto”, que ameace ou questione as suas ações. Isso comprova que muitos discentes não consideram alguns professores como uma autoridade, e que, portanto, não tem respeito por eles.

Obviamente, não se descarta a possibilidade de que a falta de limites e desrespeito por parte dos alunos possa ser consequência de aulas monótonas, repetitivas e regras que, aparentemente, não fazem sentido. No entanto, a questão aqui posta é que os problemas de indisciplina continuam não sendo solucionados pelos professores, os quais, supostamente, deveriam tomar frente da situação de forma a controlar e guiar as circunstâncias para caminhos melhores. Mas então, o que justifica esta falta de liderança dos professores?

Conversas com docentes, durante o período de estágio evidenciaram a baixa auto-estima que estes possuem em relação a sua profissão. Muitos deles se mostravam cansados de lecionar e não desejavam estar nesses postos. A desistência e a falta de esperança destes, em relação a melhorias na sua profissão eram notórias. Isso me fez questionar se essa ausência de orgulho em relação profissão contribuiria para o declínio na autoridade docente.

Logo, durante todo este período de estágio, em contato com as problemáticas da vida escolar, optei por debater sobre um tema o qual me chamou mais a atenção: a autoridade do professor e a relação disso com a aparente desilusão profissional vista em suas ações e falas. Por isso, neste trabalho me proponho a refletir e discutir sobre a precariedade da liderança do professor, e como o desprestígio dessa profissão, pode agravar esse problema.

## 2 JUSTIFICATIVA E OBJETIVO

O tema Autoridade, escolhido para ser abordado neste trabalho de conclusão de curso tomou como ponto de partida as experiências vivenciadas durante o meu período de estágio em biologia e ciências, no primeiro semestre do ano de 2009 e 2010, respectivamente. Neste período tive contato com o dia-dia dos professores e alunos, tendo tido oportunidade de observar e analisar as aulas dos diferentes professores e, logo após, agir como protagonista deste meio, sendo encarregada de reger uma turma. Nestas situações muitos pontos em relação ao tratamento entre professor e aluno despertaram a minha atenção. Entre eles, a ausência de regras e/ou o não cumprimento delas; a falta de liderança de muitos professores e as apelações dos docentes para que as normas sejam cumpridas. Além disso, o uso da prova como forma de controle dos alunos ou também, a ameaça da ida à direção como forma de repressão. A atitude fria de alguns professores perante reclamações e sugestões dos alunos, manifestando uma forma rude de tratá-los, possibilitando que o tratamento contrário também ocorra influenciou também na minha escolha.

Todas estas situações foram também acompanhadas por conversas, manifestações e queixas dos professores em relação a problemas na sua profissão. Falas tais como: “Não sou paga para agüentar isso”; “Eles não escutam a gente, os alunos não estão nem aí!” são muito freqüentes no mundo escolar. Essas considerações me fizeram refletir sobre o baixo prestígio dessa profissão. Os próprios professores dizem não acreditar nas melhorias na educação, e alguns deles, sentem, inclusive, vergonha de dizer que são docentes.

Sob essa ótica, comecei a refletir sobre o quanto tem relação o baixo prestígio em relação à profissão e ao mesmo tempo a falta de autoridade dos docentes perante os alunos. Quais são os fatores que propiciam ou influenciam o sucesso do trabalho docente?

Logo, neste trabalho trago como problemática principal: A falta de autoridade dos professores e como o valor da profissão docente influencia na efetivação dessa liderança. Com base nas questões levantadas, na literatura consultada e por meio de um questionário, pretendo como objetivos:

- ✓ Discorrer sobre assuntos como a importância da autoridade na prática pedagógica, a crise atual da autoridade, classificações da autoridade, as influências no ato de exercer a autoridade;
- ✓ Realizar um questionário buscando responder algumas perguntas relacionadas à problemática da autoridade;

- ✓ Analisar as respostas obtidas no questionário, avaliando as posições dos diferentes professores, tentando analisar as suas respostas e classificá-las segundo os conceitos de autoridade;
- ✓ Comparar respostas de professores que trabalham em escolas particulares e públicas e tentar observar diferenças quanto ao prestígio de sua profissão e o desempenho da liderança.

### **3 RECORTE TEÓRICO**

Nesta seção serão apresentados embasamentos teóricos sobre aspectos da autoridade, complementado por algumas reflexões minhas acerca do assunto. São destacados aspectos tais como: o significado da autoridade, sua importância, o histórico que contribuiu para a decadência da autoridade e também algumas classificações.

#### **3.1 O que é autoridade?**

A valorização de conceitos sobre a autoridade de um professor pode parecer uma visão conservadora a respeito da educação, tendo em vista que na contemporaneidade se prezem conceitos mais “democráticos”. No entanto, supostamente, a autoridade de um professor não deve ir contra aos conceitos de igualdade, tão estimados na sociedade atual. A autoridade pode atuar juntamente com a democracia, sem representar dois conceitos antagônicos. A liderança de um docente não pode ser vista como um bloqueio da liberdade do aluno, nem tão pouco como perda de autonomia do discente.

Entender a diferença entre autoritarismo e autoridade é essencial para a consolidação da relação entre aluno e professor em sala de aula. O autoritarismo convoca o medo. Apóia-se num sistema hierárquico, as normas são impostas por quem vem de cima, e não há argumentação. É exigida aceitação incondicional de todas as regras, fazendo com que a pessoa se torne submissa a este sistema. O aluno, no caso, não é autorizado a expressar suas angústias e insatisfações sobre a regra imposta. Neste caso, o estudante não participa na construção do conhecimento, ele já vem pronto. Não há espaço para críticas e não é incentivada a sugestão de novas idéias.

Ao contrário disso, a autoridade não usa a força, nem a violência. Ela inclui respeito ao outro. As regras estão presentes, porém não impostas. Elas podem ser construídas, discutidas e consolidadas a partir das necessidades do grupo em questão. As normas possuem explicações da sua existência, fazendo com que o aluno encontre sentido naquilo que está sendo exigido. Neste caso, o aluno é responsável pelas suas ações, e é construtor da sua

liberdade. Em um sistema onde há liberdade de expressão, flexibilidade, e tolerância com os indivíduos participantes.

Opostamente, a permissividade não sustenta uma relação, pois escamoteia as diferenças, não exige respeito e não são estabelecidos limites. A construção do conhecimento exige que haja normas, o que não exclui, portanto, a liberdade de expressão de idéias e sentimentos. A autoridade está posta para que haja uma organização mínima, de forma que o aluno consiga ter uma finalidade no seu estudo.

Jackson citado por Gomes C.A. (2009) destaca que apesar de ser bem vista a idéia da democratização em sala de aula, e que hajam instituições anti-autoritárias e anti-hierárquicas, sempre é necessário o posicionamento de autoridade do professor, para o coordenação da turma:

Pode ser que aos professores não lhes satisfaça demasiado esta descrição e protestem insistindo que eles dirigem as suas turmas 'democraticamente', mas, em certo sentido, as suas responsabilidades são parecidas com as dos guardas de uma prisão. Nos cárceres 'progressistas', como em muitas escolas, se concede aos reclusos certas liberdades, sem que por isso se anulem as limitações existentes. Em ambas as instituições pode permitir-se que os subordinados preparem uma festa no Natal, mas nunca se lhe permitirá que preparem a evasão. A dureza da desigualdade de poder entre professores e alunos pode agudizar-se ou atenuar-se de acordo com a política dos dirigentes e com as preferências de cada professor. (JACKSON, apud GOMES, 2009, p.256).

Esta comparação entre professor e guardas de prisão pode ser um tanto exagerada e chocante visto que se trata de instituições com objetivos totalmente diferentes. No entanto, serve como exemplo para pensar que em ambas as instituições há obrigações e exige-se respeito às regras. Importante analisar que o cumprimento dessas regras se dará através do "poder" do docente. Cabe ao professor usar esse poder em benefício de uma melhor relação com o seu estudante, e não usá-lo como um sistema repressor.

O poder regido por um professor quando exerce a autoridade não, necessariamente, precisa ter uma função repressiva. Foucault (1979, apud Furlani, 1997), diz que o poder não existe, rigorosamente falando. Ele afirma que existem práticas em relações de poder, sendo ele algo que se exerce, que se efetua, que funciona.

Se o poder fosse somente repressivo, senão fizesse outra coisa a não ser dizer não, você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente porque ele não pesa como uma força que diz não, mas que de fato permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discursos. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir. (FOUCAULT apud FURLANI, 1997, p.18)

Portanto, esse poder exercido pelo professor (e não possuído) não tem função de dominar o aluno, mas de conduzi-lo da melhor forma possível para um objetivo concreto. Para que esse poder se consolide é preciso que o aluno reconheça o professor como uma autoridade, como um líder. Isso não quer dizer que o aluno também não possa exercer poder sobre o professor, quando expuser as suas opiniões bem embasadas, fazendo com que o professor aceite novas propostas. Essas trocas de poder não representam uma disputa, mas sim o respeito entre posições diferentes, sem que haja sobreposição entre elas. Furlani (1997, p.20) afirma que “o exercício da autoridade pressupõe, portanto, a existência de um respeito mútuo à diferença.”

Desse modo, exercer autoridade não exclui a possibilidade de também exercer democracia. A relação entre professor e aluno se constitui numa relação de autoridade quando se praticam ações pedagógicas que possibilitem ao aluno encontrar sentido naquilo que está sendo ensinado e num ambiente que considera a importância das regras sociais, a flexibilidade de pensamento, o convívio com a diversidade e a tolerância.

### **3.2 Para que autoridade?**

A relação entre professor aluno não se baseia somente na transmissão de conteúdos, mas também se solidifica em uma relação mais íntima de admiração, carinho, troca, expectativa e respeito. É importante notar a relevância desta relação e como isso pode afetar no processo de ensino aprendizagem. Essa relação irá influenciar tanto no interesse do aluno pelo conteúdo, quanto na satisfação do docente em realizar o seu trabalho.

A consolidação desta boa relação se baseia em objetivos supostamente incomuns: o professor no de ensinar, ser ouvido e interrogado, o aluno de aprender, escutar e questionar. No entanto, sabe-se que o estudante nem sempre está disposto a escutar, e nem sempre os assuntos abordados vem ao encontro de seus interesses. Estudantes tanto crianças quanto adolescentes possuem milhares de fatores que interferem na sua concentração pelo estudo, e que desviam a sua atenção para outros aspectos.

Com isso, apresentamos uma condição de conflito, tendo em vista que estes dois participantes possuem interesses distintos, apesar de estarem em um local comum que se

destina à meta de ensinar e aprender. Logo, como fazer com que esta relação obtenha sucesso? Como fazer com que o aluno mude, por momentos, o seu interesse, e objetive a mesma meta que o seu professor? Afirmando o que já foi dito, Waller complementa:

Na escola, o professor e o aluno confrontam-se num original conflito de interesses, e por mais que esse conflito seja desvalorizado, ou por mais que seja escondido, ele permanece. O professor representa a geração adulta, eternamente o inimigo da vida espontânea dos grupos de crianças. O professor representa o currículo formal, e o seu interesse é impor esse currículo aos alunos sob a forma de tarefas; os alunos estão muito mais interessados em viver no seu mundo próprio do que nos áridos momentos da vida adulta que os professores oferecem. O professor representa a ordem social estabelecida na escola e é do seu interesse manter essa ordem, ao passo que os alunos têm apenas um interesse negativo nessa superestrutura feudal. (WALLER apud GOMES, 2009, p.248).

Obviamente, esta conversão de conduta por parte do aluno não se dará de forma tão espontânea e fácil. A resistência entrará em conflito com os objetivos do professor, o qual terá que ter “jogo de cintura” pra driblá-la. Então, como o professor fará isso?

Gomes C.A. (2009, p.237), no seu trabalho de revisão sobre as obras de três autores no campo da sociologia da educação (DURKHEIM 1972, 1984; WILLARD WALLER, 1932 e PHILIP W. JACKSON, 1975) ressalta que este câmbio de comportamento do aluno se dará pelo “[...] trabalho sacrifício, dever, esforço, ordem e disciplina [...]” do discente para lograr essa meta. Segundo Gomes:

A educação escolar não é possível sem a definição e a imposição de um conjunto de regras que devem ser respeitadas. É preciso que os alunos adquiram certos valores, certas crenças, certos hábitos, certas atitudes. Cumprindo um mandato social, o professor deve atuar no sentido de os levar a respeitar certas regras. Na prática, este objetivo pressupõe e exige que o professor tenha autoridade. (GOMES, 2009, p.239)

Durkheim citado por Gomes, C.A. (2009, p.240), também fala que não é possível educar sem autoridade. Ele ressalta que o entendimento (aceitação consciente de valores morais) das regras é muito importante para que essa autoridade se concretize e tenha algum sentido para o aluno. A imposição de regras sem uma explicação condizente do por que ela está posta, não garante respeito. O aluno deve entender do porque dessas normas e valorizá-las.

A importância do professor nesse despertar de interesse do aluno é fundamental. Na obra de Waller citado por Gomes, C.A. (2009, p. 246) ele destaca que: “os professores são responsáveis pela aprendizagem de seus alunos e que, por conseguinte, a organização política da escola é atribuída ao domínio do professor, é da responsabilidade do professor usar o seu

domínio e perceber que ele é central na interação social da escola.” Essas considerações de Waller, vão contra a desvalorização atual dos professores, os quais muitas vezes têm o seu valor interrogado. O papel que eles possuem, não somente de exercer autoridade, mas também de explicar o porquê dessa autoridade, com regras definidas, é necessário. O valor do professor não somente nesta função, mas em tantas outras é irrevogável. Sem o professor não há educação.

Fleig (1999, p.37), analisando a importância de se dar valor a alguma coisa, discorre sobre o conceito e sobre o que faz com que algo se constitua em um valor. Ele afirma que: “para que algo possa se transmitir, aquele que opera o lugar da transmissão tem que estar investido de um valor que esteja à altura de sua operação. Ora, se o investimento fálico<sup>1</sup> do lugar do professor apresenta problemas, a operação de sua função tenderá a cair do lado da ineficácia.” Sob essa análise, asseguramos que a valorização e o reconhecimento do professor como líder é essencial para o estabelecimento de regras, que leve o aluno a mudar de postura, com o objetivo de estudar. Se o docente não acreditar na sua importância, ele terá pouco sucesso no convencimento do aluno para um novo comportamento.

A instituição escolar tem um papel muito importante na consolidação da autoridade do professor. A valorização do docente deve ser amparada pela instituição em que ele ensina, de forma a apoiar suas ações e atitudes em relação ao aluno quando necessário. Uma escola que desvaloriza a autoridade do professor induz ao desrespeito do aluno pelo professor, interferindo de uma forma significativa na relação entre esses dois indivíduos.

Tendo em vista tais apontamentos, a autoridade no processo de ensino é necessária, pois ela exige mudanças na postura do aluno, para que tanto docente quanto discente objetivem o mesmo fim. Deve-se considerar também que a forma como o professor exige disciplina em sala de aula interfere na relação com o seu aluno. Esta didática supostamente deve ajudar na relação entre eles dois, e não piorá-la. Logo, porque o conceito de autoridade foi tão distorcido na nossa sociedade? Qual a razão de haver uma crise na autoridade?

---

<sup>1</sup> Tomamos o conceito de “valor fálico” do psicanalista Alfredo Jerusalinsky (apud Fleig, 1999, p.37). A relação de valor fálico aparece inicialmente na tragédia grega, que nasce do culto ao deus do vinho, Baco, onde havia uma procissão com um carro abrealas, no qual era levado um grande falo, representando o que tinha valor. Daí vem à tradição de se dizer que o valor é dado pela posse de um atributo fálico. Nesse sentido, o professor carrega, desde a fundação de seu lugar, um caráter problemático a respeito de seu valor fálico.



### **3.3 O declínio da autoridade na educação**

#### **3.3.1 Autoridade e mudanças de valores**

Furlani (1997, p.12) fala sobre a crise da autoridade como sendo um processo mais amplo: “uma crise cultural”, onde “idéias, valores e crenças estão sendo questionados, pois o ideário que servia de referencial para a postura humana revela-se inconsistente frente aos problemas criados por uma nova realidade.” Este novo ideário procura mudar certos valores para a construção de outros, em busca de uma sociedade mais democrática.

É evidente que o sistema escolar, como vinha sendo exercido nos tempos passados, com ênfase na hierarquização, submissão e abuso do poder, não se aplica mais na sociedade atual. Furlani (1997, p.72) aponta a greve geral dos estudantes franceses, em maio de 68, como um marco do início do fim do autoritarismo desempenhado nas escolas. Ele ressalta que esta contestação contra qualquer espécie de autoridade influenciou o comportamento de todo o mundo ocidental, fazendo com que certos valores da “velha sociedade” fossem questionados.

Algumas modificações ocorridas desde então, na escolarização, permitiram inovações pedagógicas que contribuíram para a consolidação de uma educação menos dominada e mais democrática. No entanto, alguns conceitos errôneos se disseminaram, fazendo confusão a respeito do papel dos educadores e da autoridade decorrente deste. Essas idéias mediocrizaram alguns conceitos antes importantes, como a real necessidade de regras e limites para a concretização da prática pedagógica.

Pereira (2009, p.18-22) relembra a influência das reformas religiosas, das idéias iluministas e das revoltas republicanas para a criação de uma sociedade que desse ênfase ao processo educacional através da criação de escolas. Ele enfatiza que nas cidades, no século XIX, passou a se valorizar a idéia de uma escolarização mais republicana e racional, agrupando também a este nível populações de baixa renda. Para isso foi necessário oferecer uma educação mais barata, que fosse para classes sociais de baixa renda. Dessa forma os hábitos morais, disciplinares e civilizadores seriam transmitidos para toda a população. Essa educação foi baseada em um sistema rígido, de vigilância, premiações e castigos. Nesse

contexto, era importante manter a imagem de um professor casto, rigoroso e distante das massas populares.

Nos séculos seguintes, XIX e XX, os números de instituições escolares cresceram ao ponto de se multiplicar a necessidade de professores para atender a toda essa demanda. Tornou-se necessário então que a classe trabalhadora (popular) também começasse a produzir mestres e não somente as classes mais elitizadas, que contribuíam para a imagem de um professor mais distante e rigoroso.

No entanto, na contemporaneidade, um contexto mais democrático dominou a sociedade, fazendo-se contestáveis o sistema controlador da escolarização, gerando resistência e subversões. A partir desse momento, o professor se encontrou em um contexto subversivo onde os conceitos tradicionais eram contestados. A autoridade do mestre foi cada vez mais contrariada.

Além disso, a preservação de sua imagem autoritária ficou difícil de ser mantida, tendo em vista que a sua origem, não mais vinha de classes sociais intelectuais e distantes, mas também, os docentes vinham de classes populares, onde os próprios alunos se encontravam. A proximidade entre aluno e professor fez com que o docente se igualasse cada vez mais ao seu pupilo, o qual começou a ver o professor como um ser mais “mortal”, reconhecendo fraquezas, incertezas e medos. Afirmando esta situação, Pereira reforça:

[...] seguindo a inspiração republicana de igualdade e liberdade, ela visa abafar as diferenças em prol de um mundo de iguais. Professores e alunos são vistos, cada vez mais, como semelhantes, irmanados quase que na mesma condição. Há de se notar, por exemplo, o quanto professores de hoje são chamados, sob diversas circunstâncias, de “orientadores”, “facilitadores”, “instrutores”, “tutores”, “mediadores”, entre outros termos que parecem querer docilizar uma diferença que está posta na origem: a diferença entre mestre e não mestre. (PEREIRA, 2009, p. 22).

A visão de igualdade e de “humanização”, da sociedade atual apesar de ser um ideal visto como mais democrático, interferiu em certos conceitos necessários para a consolidação da autoridade, imprescindível para uma melhor educação. A falta de autoridade gerou desrespeito, falta de limites e agressões, o que também não contribuiu para a construção de uma escolarização mais democrática, como se aspirava na “velha sociedade”.

### 3.3.2 Autoridades e novas estruturas familiares

Também se atribui a crise de autoridade na sociedade contemporânea à perda da imagem do pai nas famílias atuais, as quais não cumprem mais um sistema padrão. A quebra na representação de um pai rígido, incontestável, “dono da razão” e da última palavra; um pai firme, sem dúvidas, sempre certo de suas ações comprometeu a estabilidade e referencial familiar.

As novas configurações familiares fez com que a imagem idealizada de uma família: pai, mãe e filho se rompessem, comprometendo também a imagem do poder, que seria representada pelo pai. Cabistani (2007) escreve que as funções parentais ausentes representaram a falta de autoridade na família moderna. A ausência do pai na estrutura familiar foi responsabilizada pela falta de referencial das crianças, as quais, supostamente, se encontraram perdidas em um mundo sem regras, e destinos certos. Em consequência disso, os problemas de aprendizado e comportamento das crianças foi atribuído a ausência do pai ou a falta de uma pessoa que representasse disciplina. Pereira reforça esta idéia quando discute:

É fato que a imagem do pai socialmente se modificou. O pater famílias de outrora murchou e, com ele, sua autoridade – pelo menos assim reclamam os cientistas sociais. O pai da contemporaneidade parece ter cedido a mística modernizadora de dividir com o Estado a responsabilidade da educação dos infantes e dos jovens. (PEREIRA, 2009, p. 26)

Essa perda do lugar de poder na estrutura familiar produziu queixa e nostalgia, com relação a um passado que supostamente era melhor do que o atual. Os tempos antigos foram lembrados como sendo momentos mais felizes e de estabilidade. Porém, essa nostalgia, ao suposto poder e função do pai na família, fez com que a família atual (recomposta) não fosse mais responsabilizada pela educação de seus filhos. Ninguém substitui a imagem de disciplina desempenhada pelo pai. Sem ninguém para assumir essa responsabilidade, a criança foi deixada sem amparo, sem um “porto seguro”. A partir desse momento o dever de exercer a autoridade ficou por conta do estado, mais especificamente da instituição escolar. Os colégios ficaram encarregados de assumir algumas responsabilidades que antes eram atribuídas às famílias. Entretanto, esse encargo conferido as escolas nem sempre foi muito eficaz.

Cabistani (2009) argumenta que essa nostalgia da autoridade do pai (como poder absoluto) não soluciona os problemas atuais referentes à autoridade. O culto de famílias tradicionais como sendo a salvadora dos problemas na autoridade não se aplica mais. A lei

simbólica pode ser sustentada por outros fatores que não só a presença do pai. Cabistani ressalta:

Nenhuma proposta salvadora se apresenta. E nos dias de hoje, se se apresentasse, seria de duvidar. O que não deixa dúvidas é que é preciso sair da nostalgia de um passado, objeto desde sempre perdido, para pensar com o que hoje temos, o que desejamos, para o futuro das próximas gerações. (CABISTANI, 2007, p.113)

Seguramente não há um caminho único e certo que nos indique como melhor educar as crianças. No entanto, a nostalgia dos tempos passados não seria certamente a solução de todos os problemas.

Existe, atualmente, dificuldade entre os adultos de estabelecer uma posição firme, “de adultos”, sobre as crianças. A juventude passou a ser uma característica almejável, o que acabou por desvalorizar o “ser adulto”. A diferença entre adultos e crianças não é mais tão nítida quando falamos de responsabilidades. Muitos adultos desejando representar indivíduos mais jovens, tentam atuar como se fossem um, desempenhando atitudes muitas vezes imaturas e irresponsáveis. É comum, ver pais que não querem ser mais vistos como repressores, mas sim como amigos muito próximos ou até irmãos dos próprios filhos, e isso, muitas vezes, pode fazer com que os filhos não tenham mais um representante de conduta, já que os pais não reprimem nenhuma das suas ações, deixando-os sem um referencial.

Como visto, são muitos os fatores que interferem na crise da autoridade e não somente um. Independentemente disso, conceitos de autoridade, de alguma forma, devem ser valorizados novamente para que ocorra uma educação com mais qualidade. Para isso, a autoridade deve ser aplicada de tal forma que ela mesma se sustente. Diferentes autores discutem isso, como veremos em seguida.

### **3.4 Classificações da autoridade**

A sustentabilidade da autoridade se dá por diferentes fatores, dependente de como essa autoridade é exercida e por quem ela é aplicada. Diferentes autores tentam classificar a autoridade em diferentes categorias de forma a entender melhor como funcionam as relações de poder e obediência.

### 3.4.1 Autoridade simbólica ou imaginária?

Calligaris (1994) discorre sobre os diferentes tipos de autoridade sustentada pela: força; por uma simbologia ou senão por uma promessa:

- Real: sustentada pela força, assim, produzindo delinquência, que serão tentativas violentas de instaurar valores simbólicos.
- Simbólica: supostamente presente nas sociedades tradicionais. É sustentada por um valor simbólico dado as pessoas agentes dessa autoridade. Como exemplo, a autoridade dada ao pai, de forma que ele sustente a lei e perante essa autoridade existe um dever.
- Imaginária: Esta autoridade não precisa de um agente que exerça autoridade. Ela será sustentada por uma promessa, que prevalecerá sobre o dever.

Analisando essas diferentes classificações o autor destaca que na nossa sociedade pouco tradicional deixou-se de usar rituais que simbolizavam demarcações e objetivos na vida dos cidadãos. Como exemplo, cita que não existem rituais para a introdução da criança na sociedade. Fazendo isso, deixa-se a criança com mais liberdade e autonomia, porém, esta inserção da sociedade, sem uma marcação, deixa de ser segura e sim passa a ser incerta, um processo longo, por caminhos instáveis e pouco simbólicos. O autor enfatiza que na visão psicanalítica, a autoridade se sustenta pelo exercício de um dever, e que se esse dever não existe, não haverá desejo.

Então uma boa educação implicaria deveres, débitos para com as instâncias simbólicas de autoridade que nos impõe os limites que abrem para nós o campo do desejo.” (CALLIGARIS, 1994, p.26)

No entanto, ele afirma que na sociedade atual é usada a promessa (imaginária) como forma do desejo. Como no exemplo dado a uma criança: “Estuda agora, pois assim tu serás um dia rico e poderás não trabalhar”. Neste caso, o dever de estudar não é o que está proporcionando o desejo, mas sim a promessa de um dia não precisar mais trabalhar, alegando que a criança deve “obedecer para nunca mais obedecer” (CALLIGARIS, 1994, p.28).

Arenhart (2006, p.63) discorre sobre este assunto defendendo a idéia que a transmissão deve-se dar pelo lugar simbólico, destacando que “devemos falar menos da promessa de um mundo perfeito e falar mais da herança cultural que os antepassados nos legaram”. Dessa forma a criança alcançará o desejo de aprender por uma dívida transmitida. De Lajonquiére diz que isso garante “na escola o espírito das leis, que distinguindo gozo e desejo, faz do aprendizado um empreendimento movido a desejo, e não pelo imediatismo da satisfação” (apud Arenhart, 2006, p.64).

Entretanto, Calligaris (1994) diz que independente da forma de como essa autoridade esteja sendo exercida: pelo valor simbólico ou imaginário (de promessa), nenhuma das formas estaria mais correta do que a outra. Ele afirma que, qualquer uma das formas, deve usar-se a favor da sustentabilidade da autoridade do professor. Se nesta sociedade simboliza-se o bem estar como sucesso material é isso que se deve prometer, desde que a autoridade do professor permaneça.

### **3.4.2 Três formas da autoridade segundo Furlani**

A capacidade de por em prática a liderança, é com certeza, uma dificuldade grande na nossa sociedade. Saber o limiar de autoridade e autoritarismo é essencial para que essa liderança obtenha sucesso. De forma a estudar e entender melhor as relações de poder entre aluno e professor Furlani (1997) classificam a autoridade em três formas, segundo os tipos de controle que exerce:

➤ **A autoridade sustentada pela posição hierárquica**

Aqui a autoridade esta consolidada pelas leis normativas que regem a instituição e organização escolar. A autoridade é aceita, pois a lei a ampara e não, necessariamente porque o professor possua competência para isso. As leis são propostas por alguém em cargos a cima, o que pode facilitar formas tiranas e imperiais de exercer o poder. Neste caso, o professor é inquestionável e controlador. Ele espera que o aluno seja submisso, valorizando a obediência e a dependência a ele. As avaliações são utilizadas como ameaças aos alunos, de forma a controlá-los. Em vez de avaliar conhecimento, as provas são dadas como

forma de punição, não trabalhando com os erros e sim os julgando. Em relação à transmissão do conhecimento, o professor atua como informador. Os conteúdos são dados como acabados e completos. Os alunos têm a função somente de escutar o professor possuidor do saber, e reproduzir o que ele diz. O relacionamento entre professor e aluno é distante, pois o docente teme ser questionado. A ausência de diálogo evita a construção de críticas.

➤ Autoridade sustentada como produto da relação professor-aluno

Nesta situação a autoridade é construída pelos dois lados, aluno e professor. É avaliada aqui a competência, tanto do aluno quanto do professor para o exercício conjunto do poder. As normas, apesar de existirem não impedem que haja liberdade de expressão de idéias e sentimentos. O respeito entre as identidades de professor e aluno garante que ocorram influências mútuas, valorizando o conhecimento de cada parte. A transmissão do conhecimento é dado por etapas, onde os alunos são habilitados a construir, experimentar e questionar o conteúdo. O aluno é valorizado por comportamentos considerados adequados, como saber regras e limites, saber se colocar e questionar, cumprir prazos estabelecidos. É dado ao aluno responsabilidades, de forma que este fique mais independente das ações do professor. As avaliações são utilizadas para saber o que deve ser aprofundado ou modificado para que a aprendizagem do aluno melhore. Aqui a relação entre aluno e professor é mais próxima, com mais diálogo, permitindo questionamentos, sugestões de novas regras ou novas formas de ensino.

➤ Autoridade não sustentada - abandono do exercício do poder

Neste caso recusa-se qualquer tipo de autoridade. O professor não se responsabiliza no cumprimento das normas. Porém a recusa do poder não quer dizer que ele não exista. Os ideais sociais como: costumes, preconceitos, leis, crenças continuam exercendo poder sobre os participantes, porém o professor não os assume. Neste caso, o professor permite que os alunos construam suas regras e definições, sem guiá-los para um objetivo comum. A disciplina não é garantida pelo docente, fazendo então, que o aluno dispute por esse papel de “disciplinador”, pelo poder. O docente ignora posturas inadequadas, passando a responsabilidade total aos alunos por todas as rebeldias. A relação entre professor e aluno é de

descaso, enfatizando pouca importância no processo de ensino-aprendizado do aluno.

A classificação de autoridade aqui apresentada, sugerida por esse autor pode parecer um pouco determinista, reduzindo a relação de autoridade entre professor e aluno a fatos pouco flexíveis. No entanto, essa classificação não impede de encontrar um pouco de características de duas categorias em um só professor. Esta divisão de formas da autoridade está posta, de forma a facilitar, organizar e estudar diferentes formas de relações possíveis entre professor e aluno.

No entanto, é interessante notar que efetivamente essas relações de autoridade ocorrem em sala de aula. A pergunta que me ocorre, analisando estas diferentes formas é: Porque os professores possuem formas tão contrastantes de exercer a autoridade? O que leva a um professor agir de forma autoritária ou não? Quais são os fatores que influenciam nessa diferença de comportamento entre eles?

### **3.5 O que influência no ato de exercer autoridade?**

Acredito que muitos fatores podem interferir na legitimação da autoridade de um docente, fazendo com que ele se comporte de diferentes formas perante os seus alunos. Experiências anteriores mal sucedidas podem fazer o professor se fechar agindo de uma forma defensiva. Muitas vezes, pensamos nos professores como pessoas robotizadas que a todo custo e acima de qualquer ideal devem obedecer às práticas idealistas pedagógicas. No entanto, não se leva em consideração que professores são pessoas que também se afetam pelas circunstâncias, que se desestimulam, que também possuem medos e angústias. Pereira (2009) critica este modo de representar o professor quando afirma:

É extraordinário perceber como os ideais pedagógicos levam a todo custo docentes a tentarem abnegar-se de sua banalidade e elevar-se à semelhança do que é sagrado. Porém trata-se mais de uma tentativa do que de uma conquista. Por mais que o discurso pedagógico incute valores românticos à formação e ao exercício docentes, conferindo aos seus profissionais as mais altas exigências de sublimação e de apoteose, todo esse esforço não conhece êxito razoável, quem dera absoluto. (PEREIRA, 2009, p. 30)



Portanto, um contínuo fracasso profissional pode afetar a auto-estima do professor, fazendo que com que este se sinta “perdedor” e desista de sua principal função, que é a de educar. Frequentemente, ouvimos queixas dos docentes, manifestando cansaço profissional. Logo, considerando esse sentimento de desânimo que se espalha na profissão docente é explicável a dificuldade de exercer autoridade. Como o professor vai desempenhar a autoridade, se ele próprio desvaloriza o seu posto em sala de aula?

Acredito que fatores tais como: falta de preparo na formação do professor, falta de amparo durante a profissão e desvalorização econômica e cultural da profissão; preconceitos sociais quanto à idade e experiência de trabalho contribuem para falta de autoridade vista nas escolas modernas.

A instituição escolar desempenha um papel importante na sustentabilidade da palavra do professor. No entanto, esta também está inserida em uma sociedade “viciada” de certos valores que não contribuem para a afirmação da palavra do professor, muitas destas instituições acabam não sustentando a prática docente do professor, dificultando o trabalho deste e também apoiando um aluno indisciplinado.

Preconceitos sociais dificultam o trabalho do professor na consolidação de sua autoridade. Por exemplo: diferenças de gênero entre professores podem influenciar na relação entre o discente e o docente. Professores do sexo masculino, normalmente, são conhecidos por obterem com maior facilidade a obediência dos seus alunos, simplesmente por serem homens. Talvez esse aspecto reflita os valores da paternidade tão estimados na antiga sociedade, onde o homem representava um ser mais forte, brabo e poderoso.

Preconceito em relação à idade dos docentes também é vista em sala de aula. Comumente, estagiários são vistos como pessoas sem experiência e que por consequência, não conseguem exercer autoridade. Como se pouca idade fosse sinônimo de incapacidade de legitimação da autoridade. Professores com mais idade e com mais experiência, podem carregar junto sua fama de medo, respeito e submissão, ajudando com que alunos se submetam mais as suas ordens.

Além dessas características, existem também outros preconceitos em relação à valorização do profissional que podem interferir na autoridade do professor. Os alunos enquadram a profissão do professor como sendo desqualificada, uma vez que sabem que estes estão sempre lutando por salários maiores. Muitos docentes têm vergonha de dizer que são professores. Isso evidencia o baixo estímulo que o professor recebe para exercer a sua carreira. Conseqüentemente, um professor com baixa auto-estima não se conduz de forma

valorizada perante a turma, e acaba, ele próprio, não reconhecendo a sua importância em sala de aula.

Um trabalho de Furlani (1997) detectou queixas dos professores que atribuíram comportamentos de confronto ou contestação da autoridade a alunos de condições econômicas superiores à do docente. Isso evidencia, o quanto preconceitos relacionados à classe sócio-econômica influenciam no respeito do aluno pelo professor. Os alunos podem não aceitar conhecimentos transmitidos por um professor que consideram “inferior” à sua classe. Assim, desprezam qualquer autoridade que o professor possa exercer.

Essa característica reproduz os valores consumistas pelos quais a sociedade atual zela e que se refletem também nas escolas. Um bom carro, uma boa casa e roupas caras reproduzem não somente o “ter” da pessoa, mas também o “ser”. Como se o que ela possuísse significasse o que ela é. A capacidade de consumo de uma pessoa é interpretada como sinônimo de poder, conquista e sucesso. Por isso, professores, os quais são mal remunerados, são cada vez mais desvalorizados. Os próprios docentes confirmam isso quando frequentemente dizem aos seus próprios alunos: “Não sou pago/a para agüentar isso”. Essa fala contribui ainda mais para o declínio da profissão docente.

Além disso, Barro Filho, C. (2010) em uma entrevista realizada para a revista *Extra-classe* reforça que “o aluno de escola particular, por exemplo, passa a desrespeitar o professor e pode, comumente, contar com o apoio da administração da escola que, medindo a situação em números, deixa dominar o medo de perder o aluno, mais valioso que o professor.” Vê-se, então, que em uma sociedade marcada pela supervalorização econômica, fica difícil de desempenhar funções disciplinadoras em sala de aula.

Nas escolas públicas a visão do professor como um mero serviçal pago não é tão evidente, no entanto, Filho (2010) destaca que a falta de autoridade pode ser devido a variáveis sociais, como o descaso governamental em entender necessidades básicas e também uma fraca percepção do valor da educação para possibilitar uma vida melhor.

Como visto, existem milhares de fatores que podem interferir na forma como o professor exerce sua autoridade. Preconceitos culturais afetam e competem com a prática pedagógica do professor. A crise na autoridade não é uma crise isolada, mas sim interligada a outros problemas sociais que contribuem para deficiências na educação.

## 4 DELINEAMENTO METODOLOGICO

### 4.1 Pesquisa Qualitativa

Este trabalho abordará o tema de forma qualitativa. A pesquisa qualitativa não apresenta, necessariamente, uma hipótese bem definida do objeto de estudo e não busca quantificar ou medir o assunto abordado. Este estudo se propõe a compreender e interpretar um tema, sendo que o pesquisador terá contato direto e participativo com o fenômeno estudado. O pesquisador analisa os resultados de forma descritiva e discursiva, destacando as suas impressões sobre um determinado corte temporal e espacial de um fenômeno. (Neves, 1996).

Como metodologia, a pesquisa qualitativa pode embasar-se em análises narrativas de discursos e conversações, pesquisa bibliográfica e etnográfica. Pode utilizar técnicas como análise de documentos e gravações, observações dos sujeitos e situações, ou ainda fazer entrevistas.

Esta pesquisa qualitativa abordará como método principal o estudo etnográfico, com o objetivo de analisar o ambiente, o sujeito ali inserido e uma situação em particular, com contato direto do observador.

### 4.2 Método de Pesquisa

Como método de investigação, recorro a algumas fontes como meus relatórios de estágio, pesquisa bibliográfica e entrevistas com professores. Os questionários realizados com os docentes visam a entender melhor, de uma forma mais direcionada, a relação entre professor e aluno e como a autoridade está sendo entendida nesta relação.

O questionário (**anexo 1**) aplicado teve caráter semi-estruturado, ou seja, as perguntas não foram totalmente reduzidas as que inicialmente haviam sido propostas. Perguntas complementares foram feitas, à medida que se teve a necessidade, de acordo com as respostas dadas pelos docentes.

O questionário foi realizado com professores de duas escolas públicas e uma escola particular, de forma a comparar as respostas dessas duas instituições. O número de entrevistados foi estabelecido ao longo da coleta de dados, à medida que as informações obtidas foram consideradas satisfatórias.

Uma das escolas públicas e a escola particular localizavam-se no bairro Petrópolis, uma próxima a outra, e foram escolhidas pela maior facilidade de obter entrevistas com esses professores, uma vez que haviam sido as escolas onde eu realizei parte do meu Ensino Fundamental e todo meu Ensino Médio, respectivamente. A segunda escola pública escolhida localizava-se no bairro Intercap. Foi escolhida pela proximidade da minha residência atual e, além disso, havia realizado meu estágio de biologia nessa instituição.

As entrevistas foram autorizadas pelas escolas por meio de uma carta de apresentação e explicação do trabalho. Neste documento apresentam-se os objetivos de estudo e, destacam-se os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho, indicando que os dados obtidos estariam sob sigilo ético.

Inicialmente deu-se preferência aos docentes de biologia e ciências para as entrevistas. No entanto, no decorrer das visitas, tornou-se difícil selecionar exclusivamente os professores destas áreas, uma vez que nem sempre se localizavam na escola ou tinham disponibilidade nos horários da visita. Logo, professores de outras áreas, como português, matemática e artes também foram entrevistados.

Os nomes dos professores foram trocados por cores, de forma a preservar o anonimato de sua identidade. As respostas obtidas de cada pergunta foram organizadas em uma tabela, apresentada no material em **anexo 2 e 3**, com as respostas obtidas dos professores de escola pública e particular, respectivamente.

Os resultados foram analisados e discutidos de acordo com as perguntas realizadas no questionário. Para facilitar a visão dos resultados foram realizadas sub-tabelas (ilustradas ao longo da análise) para algumas questões, de forma que se pudessem ver, com maior facilidade, as respostas obtidas pelos docentes e, também quantas vezes as mesmas respostas eram citadas por diferentes professores.

## **5 ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO**

Nesta sessão serão discutidas e analisadas as respostas obtidas ao questionário realizado com os professores de escola pública e particular. Algumas impressões sobre o meu período de estágio também estão incluídas nesta análise como forma de complementar e justificar as reflexões.

### **5.1 Um olhar de estagiária para a função docente**

Durante meu período de estágio tanto no ensino médio quanto fundamental alguns fatores me fizeram refletir sobre a decadência do ensino nas escolas. Isso foi influenciado pelo notório desestímulo dos docentes pela sua profissão e a relação pouco harmoniosa entre docentes e alunos. Os estágios de biologia e de ciências foram realizados no primeiro semestre do ano de 2009 e 2010, respectivamente, com duração de 20h de observação e 20 horas de aulas ministradas.

Uma das situações que me fizeram refletir ocorreu na sala dos professores, no início do meu estágio em ciências, quando um deles mostrava para os outros uma reportagem de jornal. A matéria mostrava o relato de uma professora que estava desestimulada e reclamava da profissão e remuneração. A reportagem deu início a uma série de desabafos dos docentes sobre o assunto. O professor que trouxe a matéria de jornal era o que mais criticava a escolarização e apresentava uma visão muito negativa da educação. Em um dos seus comentários disse que era ainda mais difícil para uma menina nova como eu, uma vez que os alunos não respeitavam com tanta facilidade, sendo ainda mais difícil de exercer a autoridade. Naquele momento, argumentei dizendo que não havia tido problemas com relação à autoridade no meu estágio anterior assim como os meus outros colegas de estágio, também jovens como eu. Foi interessante trocar algumas opiniões com este professor e notar o quanto ele se mostrava desestimulado tanto na sua profissão, quanto em relação ao rumo da escolarização. Nessa conversa percebi que muitos professores colocam a culpa nos problemas da educação nas crianças atuais, as quais não respeitam os professores como antigamente. Os docentes qualificam os estudantes como mal comportados e agressivos, sendo os principais

causadores do conflito educacional. Isso demonstra a visão saudosista dos docentes, os quais almejam os tempos passados, acreditando que os alunos eram mais qualificados. Estes docentes nas suas reclamações pouco consideraram outras problemáticas, tais como a falta de preparação dos professores, a falta de tempo que estes possuem para preparar aula, a falta de apoio psicológico e, principalmente a falta de autoridade que eles representam. Me pareceu que a desesperança quanto à educação está muito baseada nas crianças atuais, sem perceber que não são elas as causadoras dos problemas, mas são elas também as principais prejudicadas nessa história.

Essa visão pessimista sobre os alunos se refletia na visão dos próprios estudantes, os quais também acreditavam não possuir nenhuma qualidade, justamente porque isto era enfatizado pelos próprios professores. Um exemplo disso foi observado no meu estágio de biologia, no conselho de classe, quando os alunos tiveram a oportunidade de descrever, na frente de todos os docentes, os aspectos positivos e negativos da turma. Foram várias as turmas que não apresentaram nenhum aspecto positivo de si mesmos, uma vez que nunca eram elogiados. Isso fez com que os próprios estudantes não achassem em si, nenhum ponto favorável, acreditando que realmente não eram bons exemplos.

Além disso, nos dois estágios, muitos docentes “exerciam a autoridade” de uma forma repressiva.. Isto é, as irregularidades dos alunos eram “controladas” de uma forma agressiva, ameaçando o aluno com a ida à direção, troca de lugar, xingamentos na frente de toda a classe, sem nenhuma tentativa anterior de conversa ou acordo. Essas tentativas não contribuem para a manutenção da autoridade uma vez que não explica ao aluno as razões da regra existir e as vantagens que isso lhe traz. Acredito que reações agressivas geram mais agressões sem solucionar a questão de indisciplina e sim agravando-a ainda mais.

Esses exemplos citados, entre muitos outros durante os meus estágios, foram os fatores desencadeantes do meu tema de trabalho de conclusão, que me fizeram perceber que a falta de autoridade ou o excesso dela eram prejudiciais na relação entre aluno e professor. No entanto, que a sua presença era essencial para a o fortalecimento das relações e ensino nas escolas.

## 5.2 O que o professor entende sobre autoridade docente?

Analisando os questionários respondidos foi possível observar que todos os professores acharam que a autoridade é importante e que ela deve existir em sala de aula. Foram várias as justificativas para explicar o porquê da sua importância. Definições tais como: a autoridade organiza, impõe limites, é o fio condutor de uma sala de aula, exige respeito, estabelece regras e contratos e também mantém disciplina.

Quatro professores distinguiram nos conceitos de autoridade docente a importância de desempenhar a autoridade, sem ser autoritário tendo características tais como negociar com o aluno, escutar sugestões, ser aberta a novas idéias e dar oportunidade para o aluno se expor. Isso mostra que a autoridade, para estes professores, não se resume apenas a mandar, mas também na flexibilidade do docente para novas idéias sugeridas pelos alunos.

No entanto, dois professores citaram que a autoridade está em declínio ou difícil de ser aplicada. Revelaram a nostalgia dos tempos passados, dizendo que os alunos respeitavam mais e que as aulas atuais não se caracterizam por um silêncio mortal como antigamente. Esses comentários revelam que existe ainda muita nostalgia do passado com relação à autoridade. Os docentes identificam naqueles tempos características melhores das atuais, ou pelo menos, que a liderança era mais fácil de ser mantida. Acredito que se deve ter muito cuidado nessa análise, pois essa nostalgia pode servir para muitos professores justificarem a sua dificuldade ou falta de autoridade perante os alunos, depositando a culpa na contemporaneidade por ser mais difícil de obter isso. No entanto, isso não deve servir de justificativa para não tentar melhorar os tempos atuais. Os docentes não devem se espelhar no passado para melhorar o presente. Confio que há muitos fatores que fazem com que não seja possível a comparação do presente com o passado, visto que há muitas mudanças em relação à sociedade e aos próprios alunos que se ensina. Por isso, acredito ser essencial pensar na solução das questões atuais, como o declínio na autoridade, pensando no presente sem ficar saudando tempos passados que não voltarão.

### 5.3 Professores distinguem autoritarismo e autoridade?

A análise dos próximos dados avalia a autoridade de acordo com as três definições apresentadas por Furlani (1997), como já apresentado no Referencial Teórico (capítulo 3.4.2) deste trabalho: autoridade hierárquica; autoridade democrática e autoridade negada.

Todos os professores distinguiram diferenças entre autoridade e autoritarismo. É interessante notar que sempre quando se fez a pergunta “Como você entende a diferença entre autoridade e autoritarismo?”, todos os professores iniciaram explicando o autoritarismo antes de explicar a autoridade, mesmo que esta última tenha sido colocada em primeiro lugar na pergunta. Isso talvez revele que as definições do autoritarismo são muito mais estabelecidas e conhecidas do que definições da autoridade. Ou seja, os docentes têm mais dificuldade de falar sobre o que representa a *autoridade democrática* do que falar sobre o autoritarismo. Na maioria das vezes fala-se de cada conceito comparando-os como características opostas. No entanto, ter autoridade não se resume ao oposto do autoritarismo. Ter autoridade também se diferencia da *autoridade negada*, a qual ocorre quando o professor recusa sua autoridade e não desempenha características de liderança. Essa diferença foi pouco levantada pelos professores e é discutida mais adiante.

O principal distintivo entre um professor com autoridade de um professor autoritário foi a liberdade de expressão dos alunos. Quatro professores citaram ser importante aceitar sugestões dos alunos, ouvi-los, aceitar contestações e intervenções dos alunos. Isso representa um aspecto positivo dos professores atuais os quais valorizam estas características mais democráticas. Além disso, a desvalorização de docentes autoritários foi citada por dois professores, revelando que esse tipo de professor atualmente não obtém mais sucesso.

### 5.4 O que não pode faltar em um professor que exerce autoridade de forma democrática?

TABELA 01 Em ordem decrescente são apresentadas as características mais referidas com relação a um professor que exerce autoridade de forma democrática. As respostas referem-se às falas tanto dos professores de escola pública quanto particular.



| <b>Características que devem ser encontradas em um docente com autoridade democrática</b> | <b>Nº de vezes citado por diferentes docentes</b> |
|---|---|
| Escutar/ ouvir  | 5   |
| Diálogo/ negociar   | 4   |
| Bom senso/ser justo   | 4   |
| Domínio de conteúdo   | 4   |
| Firmeza/transmitir segurança/ saber lidar com desafios                                    | 3   |
| Esclarecer regras/ limites/ delimitar   | 3   |
| Compreender a faixa etária/ lidar com as diferenças/ entender o aluno como ser humano     | 3   |
| Flexibilidade/ propor alternativas para diferentes situações/aceitar mudanças             | 3   |
| Carinho pelos alunos/ser simpático  | 2   |
| Respeito  | 2   |
| Domínio de classe; conduzir o trabalho de maneira coerente                                | 2   |
| Cumpridor das regras/não deve faltar  | 2   |
| Tolerância  | 1   |
| Observar pontos positivos e negativos dos alunos  | 1   |
| Saber transmitir  | 1   |
| Não pode querer ser “amigão”  | 1   |

➤ Autoridade e proximidade

É observado que as características mais citadas revelam um professor que escuta e dialoga com os seus alunos. Ao mesmo tempo em que mostra firmeza, transmitindo segurança, também pode transmitir afeto (carinho/simpatia). Isso revela que os professores com autoridade podem ter certa proximidade com os seus alunos, ao contrário de um professor distante, sem afinidade. A proximidade permite trocas de idéias entre eles, sendo o docente questionado, assim como o aluno. Essa relação de influências mutuas, valoriza o conhecimento de cada parte facilitando a construção do saber em conjunto. Além disso, faz com que o aluno também se sinta construtor da sua aprendizagem e não só o professor como o transmissor de conhecimentos.

Somente uma professora citou que o docente com autoridade não pode ser “amigão” do aluno. Acredito que esta característica esteja posta pela professora, muito mais no sentido de delimitar os espaços entre docente e aluno, do que no sentido de que o professor deva ser distante e frio com os seus estudantes. Esta questão pode nos revelar o cuidado que se deve ter de separar a relação de amizade entre discente e professor, sem, porém extrapolar os limites

de cada um. Não ser “amigão” do aluno para mim significa dizer para o discente que ele tem o seu lugar e o professor tem outro. Isso estabelece uma relação com diferença de lugares, sem que o professor esteja acima, porém em um posto diferente, o que permite, ainda assim, certo grau de proximidade na relação entre eles. Um professor que não revela o seu papel de condutor da relação, ignorando a existência de postos diferenciados quanto à responsabilidade entre aluno e professor, pode fazer com que este estudante extrapole o limite de amizade, não respeitando e não dando o possível valor ao papel do professor.

➤ Compreender a faixa etária e lidar com as diferenças

Ver o aluno de acordo com a sua faixa etária e as diferenças de tratamento que isso implica também foi uma das características mais citadas. Reconhecer que o professor, muito mais do que um mero transmissor de conteúdos também participa da vida desses alunos, num sentido mais pessoal, isto é, numa relação não tão profissional, mas sim, mais humana, o que favorece um professor com *autoridade democrática*. “Entender o aluno como um ser humano e não como uma máquina” foi uma das falas da professora Turquesa, mostrando que o estudante criança ou adolescente trará para a sala de aula as suas dúvidas, problemas pessoais, medos e angústias, que serão manifestados no seu comportamento. O professor como líder, deverá tentar e, de alguma forma, considerar e compreender essas características, de forma que o aluno consiga encontrar algum sentido no que está vendo em sala de aula. Ignorar totalmente os problemas e dúvidas dos alunos irá afastar a aula da realidade dos estudantes, não vendo nela nenhum significado e relação com as suas vidas pessoais. Dessa forma, não será despertado o interesse do aluno pelo conteúdo ensinado.

➤ Bom senso

O bom senso foi muito citado no sentido de saber quando é possível aceitar as sugestões dos alunos e quando não, mostrando que apesar da flexibilidade o professor ainda deve ser o condutor da relação. Essa é uma característica importante que delimita a liberdade de expressão do aluno, sendo o professor ainda o responsável por guiar essa liberdade, e conduzi-lo para um caminho definido. A aceitação ilimitada das idéias sugeridas pelo estudante acaba por não acrescentar na construção do conhecimento, e faz com que não seja visto um objetivo final para o conteúdo proposto. Nessa situação o professor negaria a sua autoridade e a sua responsabilidade de selecionar as coisas que realmente interessam.

➤ O domínio do Conteúdo

O domínio do conteúdo também foi uma das características mais sugeridas, mostrando que nessa relação de autoridade, a competência do professor está em jogo também. Isso significa que a liderança do docente muito se deve ao esforço profissional mais do que um posto pré-estabelecido para ele. O que difere de uma autoridade puramente hierárquica, consolidada apenas pelas leis que regem a instituição, sem esforço e mérito do professor por estar neste lugar.

A professora Verde quando fala “É preciso respeitar. Por exemplo, eu não gosto da governadora, mas mesmo assim devo respeitá-la!” revela um respeito puramente hierárquico, ou seja, um respeito que é consolidado pelo cargo que a pessoa ocupa mais do que pela admiração à pessoa. Por isso, é importante notar que os professores entrevistados prezam por um respeito, uma autoridade que seja consolidada pela admiração, pelo domínio que este tem em relação ao conteúdo, bem como o quanto ele contribui para exercer aquele cargo.

➤ Docente cumpridor das regras

Foi colocado como um atributo importante para um docente que exerce autoridade de forma democrática, que ele mesmo deva ser o cumpridor das regras postas. Isso parece ser uma questão bastante dedutível quando se fala em regras e normas que valem para todos, inclusive para o professor. No entanto, nas escolas, principalmente públicas, nem sempre se vê o professor como principal cumpridor das regras. Isso é visto, por exemplo, quando o docente falta repetidamente nas suas aulas, sem prestar justificativas razoáveis para tal fato. Trazendo as minhas impressões durante o meu período de estágio em duas escolas públicas, muitos professores faltavam as suas aulas, deixando com irresponsabilidade as suas turmas à mercê da sorte de alguém para substituí-los. Não estou dizendo aqui que o professor não possa faltar. No entanto, se sabe que muitas faltas são mal justificadas e bastante dispensáveis. Quando um professor não cumpre suas responsabilidades pode dar margem às irresponsabilidades do aluno, fazendo com que este possa também não cumprir com as suas obrigações. Deste modo, o docente fica sem razão para cobrar responsabilidades.

Vale notar, que estas observações de cumprimento das regras por parte do professor partiram de docentes entrevistados em escola pública e não da particular. Ao contrário de uma escola pública, professores de escola particular devem satisfações para a diretoria da escola e

possuem risco de perda do seu emprego, quando não cumprem as suas obrigações. Já em escolas públicas a garantia do emprego dos docentes não é comprometida por justificativas não condizentes. Isso já justificaria o porquê desses problemas de falta excessiva dos professores serem vistos principalmente em instituições públicas.

Não se pode descartar, que o motivo da falta freqüente observada nos docentes de escola pública pode representar o descontentamento destes profissionais com o seu trabalho. O pouco comprometimento do docente com a sua turma pode revelar a frustração e mal estar com a sua profissão. Em escolas particulares, o descontentamento dos professores com a direção também pode gerar manifestações de insatisfação. Isso pode aparecer não tanto na forma de faltas, mas em situações onde o professor despeja o conteúdo, sem se importar se o aluno está compreendendo ou não. Essas manifestações de desagrado com a profissão acabam por prejudicar os menos culpados, que são os alunos, os quais ficam com o ensino prejudicado. Nesta situação de descontentamento, a autoridade do professor também fica danificada.

### 5.5 O que um professor que exerce autoridade democrática NÃO pode ter?

TABELA 02 Em ordem decrescente são apresentadas as características mais referidas com relação a um professor que NÃO exerce autoridade de forma democrática. As respostas referem-se às falas tanto dos professores de escola pública quanto particular.

| Características que não devem estar presentes em um professor que exerce autoridade de forma democrática | Nº de vezes citado por diferentes docentes |
|--|--|
| Não ter diálogo/sem questionamentos/ Auto-suficiente   | 4  |
| Não escutar/não deixar o aluno se expressar  | 3  |
| Não cumprir os contratos/normas /professor que falta   | 3  |
| Ser mal humorado/rude/ Gritar com os alunos  | 3  |
| Autoritário exageradamente; ditador  | 2  |
| Desrespeito  | 2  |
| Inflexibilidade/ engessado   | 2  |
| Não ser firme/não transmitir segurança   | 2  |
| Intolerância   | 1  |
| Não compreender a faixa etária   | 1  |
| Não ter domínio da matéria   | 1  |
| Não saber transmitir o conteúdo  | 1  |

|   |   |
|---|---|
| Selecionar coisas que não procedem      | 1 |
| Mentir inclusive em relação ao conteúdo | 1 |
| Democrático exageradamente              | 1 |
| Ser injusto                             | 1 |

Segundo os entrevistados, um professor com autoridade não democrática é um ser auto-suficiente, que não permite diálogo e questionamentos. Neste caso, os alunos não possuem o direito de expressar-se e não são escutados. A ausência do diálogo e a distância entre aluno e professor favorecem um professor autoritário, pois não permite a construção de críticas ao seu trabalho. Sem críticas o professor não é interrogado e os seus conceitos não são colocados em questionamentos. Logo, não ocorrem mudanças pedagógicas nesse professor, o qual age, pensa e ensina da mesma forma, independentemente de qual o público a que esta se referindo. O professor fica engessado ao seu modo de dar aula, sem se importar se contribui significativamente no entendimento do conteúdo pelo aluno. Essas características representam um professor que poucas vezes consegue atingir o estudante, de forma a que este se interesse pela matéria e estude com prazer. Os estudos são praticados muito mais pelo medo e obrigação, do que pelo desejo de aprender.

A maioria das características citadas nesta questão foram diferenciadas com uma *autoridade hierárquica*, ou seja, uma liderança imposta e ditatorial. Foram poucos os professores que compararam uma *autoridade democrática*, com uma *autoridade negada*. Considero somente dois atributos vistos na tabela que caracterizariam um professor que nega sua autoridade, que são: o desrespeito e a democracia exagerada. Quando um aluno desrespeita o professor é porque ele não o considera uma autoridade. É porque ele não vê este docente como uma liderança e em uma posição diferente que a dele. Trata esse docente com insignificância, sem admirá-lo e não vê nenhuma ameaça de perda nessa relação. Isso não ocorre, por exemplo, em uma relação de *autoridade hierárquica* nem numa *autoridade democrática*, porque nessas situações o professor é respeitado ou pelo medo ou pelo mérito, respectivamente. Logo, um professor que não exerce autoridade de forma democrática, não necessariamente vai agir ditatorialmente, mas também pode agir com uma “democracia exagerada”, como foi dito por um dos professores. Esta democracia extrapolada não dá limites e acaba por não respeitar o lugar dos outros, uma vez que cada um fará o que bem entender, interferindo nas vontades alheias. Um professor que nega sua liderança não exige obrigações do aluno, fazendo com que este não se sinta responsável por nada. O docente perde a sua função de condutor e deixa o aluno abandonado, sem rumo.

Essa falta de comentários em relação a um professor que nega sua autoridade pode manifestar a pouca preocupação dos docentes neste sentido. Ou seja, eles não reconhecem que a falta de autoridade também possa representar um problema tanto quanto o excesso de autoridade (*autoridade hierárquica*).

No entanto, a falta de comentários em relação a um professor com autoridade negada também pode ser devido à maneira como foi perguntado no questionário. Ou seja, em nenhum momento durante as perguntas foi citado um professor que nega sua autoridade, e sim foi muito citada a comparação de autoridade democrática e autoritarismo. Talvez isso, justifique a maior ênfase nessas duas classificações de autoridade.

## **5.6 Por quem a autoridade do professor é sustentada?**

### ➤ Direção

Tanto os professores de escola pública quanto privada revelaram ter apoio da direção com relação à autoridade. Todas as escolas pareceram ter uma conduta parecida quanto à resolução de problemas de indisciplina. Primeiramente o professor adverte oralmente o aluno. Se o problema persistir ele é enviado à coordenação/ direção/ supervisão para uma conversa. Quando necessário os pais são advertidos quanto à conduta do filho/a e tenta-se chegar a um acordo com a criança. Em última instância é solicitado o afastamento do aluno da escola.

Existiram dois professores entrevistados que deram preferência para a resolução do problema diretamente com o aluno e somente em um segundo momento enviá-lo à direção. Isso é um aspecto positivo, pois evita ao máximo mandar o aluno para a direção. A saída freqüente da sala de aula para a coordenação pode tornar isso um ato corriqueiro, banalizando a importância dessa ação. Ou seja, o aluno não achará a direção a pior alternativa, não vendo mais nisso um grande problema. Acredito que deve-se dar preferência para a resolução dos conflitos na própria sala de aula, onde o docente mostrará para esse aluno, o porque dele não poder agir dessa forma, enfatizando o quanto isso é prejudicial para ele e para os outros colegas. O encaminhamento do aluno para a direção deve ser algo que somente aconteça em casos extremos indicando ao discente a extrema falta de conduta que ele vem

desempenhando, advertindo-o para algo muito grave. Isso vai dizer ao aluno que o comportamento dele não está legal, fazendo-o mudar de atitude.

Durante o meu período de observações nas escolas onde fiz estágio, era comum o professor ameaçar os alunos com a ida à coordenação, fazendo disso uma grande ameaça. No entanto, ela acabava não sendo uma grande advertência, pois os alunos estavam quase sempre lá, o que não implicava em mudanças de conduta, ou seja, a direção não era mais um castigo. Muitos alunos, inclusive, gostavam de ir para a direção, simplesmente pelo fato de sair da aula, aproveitando um novo ambiente, perdendo tempo de aula, achando que tudo isso era uma grande vantagem e não um desprivilegio.

Além disso, a ameaça contínua com a direção pode também desvalorizar a autoridade do próprio professor, o qual revela uma incapacidade de entender-se com o aluno. Quando um professor tenta resolver o problema diretamente com o seu estudante, de maneira a expor suas angústias em relação ao comportamento dele e também, mostrar que há implicações na transgressão às regras da escola, ele fará com que o estudante entenda porque mudar a sua conduta e as vantagens que isso lhe trará. Isto também afirmará a autoridade do professor, o qual dará razões para o seu aluno, mostrando os benefícios de se conduzir de acordo com as leis.

#### ➤ Professor regente

A escola particular entrevistada me pareceu ter um sistema de controle interessante quanto à indisciplina, onde cada professor é responsável por uma turma. Normalmente esses “regentes” de turma são escolhidos pelos próprios alunos, os quais votam naqueles professores com os quais possuem mais afinidade. Isso permite que o professor que não esteja conseguindo solucionar um problema, encaminhe o aluno indisciplinado ao professor regente, o qual conhece a turma e os alunos presentes, podendo entender melhor dos problemas ali gerados. Isso evita que o aluno seja encaminhado diretamente para a direção, a qual está mais afastada das dificuldades geradas em sala de aula. Além disso, existe uma maior probabilidade de que o aluno escute e obedeça mais o professor regente, o qual foi escolhido pela sua turma, justamente pela maior afinidade que possui com esses discentes.

Achei esse um sistema também interessante porque permite que cada professor seja responsável por uma turma e, talvez, somente este fato, exija desses alunos uma melhor conduta. Ou seja, isso pode fazer com que a turma se comporte de uma maneira positiva para agradar o professor regente, com o qual eles têm maior afinidade. Isto é, eles obedecerão a

normas, não necessariamente ou exclusivamente, pelo professor que estiver dando a aula, mas sim obedecerão também, pois se sentem comprometidos com o professor regente, o qual se torna um referencial. Esse fato pode ser explicado por Freud (apud Kupfer, 2001) o qual analisa as características da relação entre professor e aluno. Freud justifica o “poder” do professor sobre o aluno, pelo nome de Transferência, a qual, resumidamente, é uma manifestação do inconsciente, nesse caso do aluno, o qual substitui uma pessoa anterior (o pai, por exemplo) pela pessoa do professor, atribuindo a este um papel mais especial do que ele realmente representa conscientemente. Logo, uma boa conduta das crianças pode estar fundamentalmente baseada na relação com o seu regente, o qual exerce um papel muito importante, não só na transmissão de conteúdos, mas, principalmente, na formação social do indivíduo.

➤ Diferença entre escola pública e particular

Não foi identificada qualquer diferença entre as escolas públicas e a particular, quanto ao apoio da direção à autoridade do professor. Foi esperado que talvez em escolas particulares existisse menos apoio devido ao fato que essa instituição é dependente da mensalidade paga pelos alunos, fazendo que se submetam mais as vontades dos estudantes. No entanto, isso não foi confirmado pelos professores entrevistados da escola particular. Adversamente, a professora Verde a qual, nesta entrevista, representava uma escola pública, revelou já ter ensinado em escolas particulares que mostravam esta característica. Segundo a entrevistada, nas reuniões de docentes se explicitava que o aluno era cliente e que, portanto, deveria se evitar enfrentamento entre professor e aluno, de modo que não houvessem riscos de perder o estudante. Esse fato é um aspecto realmente negativo tanto para o aluno quanto para o professor. A autoridade do docente fica comprometida e limitada por essa falta de apoio da direção, assim como a educação da criança, tendo em vista que não haverá respeito entre esses dois indivíduos, dificultando a troca de conhecimentos.

➤ Auxílio ao próprio professor

Nesta questão da entrevista, os professores enfatizaram pouco a ajuda psicológica que eles mesmos poderiam receber de possíveis agressões cometidas pela indisciplina dos alunos. Sabe-se que muitos estudantes podem além de transgredir as leis, afetar também a auto-estima do professor, agredindo-o verbalmente e, em alguns casos já vistos, fisicamente. Nesses casos,



o docente pode não saber o que fazer ou a melhor forma de agir. Isso pode gerar angústias, que o levem a precisar de auxílio de alguém para discutir o problema. É interessante avaliar este aspecto, pois em um caso de indisciplina, normalmente, as atenções são voltadas exclusivamente para o aluno e nunca para o professor. Ou seja, é avaliado o que fazer com o aluno, como ajudá-lo, chamar a família dele, etc., mas nunca se pensa em como ajudar o docente, e conduzi-lo para que atue da melhor forma possível. Muitos problemas podem também afetar o professor e este deve ter alguém para recorrer nesta situação. A professora Turquesa, da escola particular, destacou que essa questão era muito discutida nos conselhos de classe e conversada com os outros docentes que também davam aula para a mesma turma, podendo também estar enfrentando os mesmos problemas. A docente revela que nestes conselhos são tomados procedimentos comuns entre todos os professores e, portanto, todos tentam seguir os acordos pré-estabelecidos para não cair em discordância frente aos alunos. Já, o professor Vermelho, da escola pública, citou que os docentes poderiam recorrer à psicopedagoga da escola para conversar sobre possíveis assuntos. Contudo, esses comentários realizados pelos docentes, somente foram feitos após uma segunda pergunta mais direcionada em relação a esta questão. Essa pouca ênfase no “auxílio ao professor” mostra que talvez, essas ações não sejam muito comuns nas escolas e que sempre é mais destacado o auxílio ao aluno.

### 5.7 Quais os principais problemas de indisciplina?

TABELA 03 Em ordem decrescente são apresentadas as características mais referidas quanto aos problemas de indisciplina. As respostas referem-se às falas tanto dos professores de escola pública quanto particular.

| Principais problemas de indisciplina   | Nº de vezes citado |
|--|--------------------|
| Falta de respeito /respondem mal aos professores/ revidam                      | 5                  |
| Conversa   | 3                  |
| Não obedecem/falta de cumprimento das regras/ ignoram o espaço da sala de aula | 3                  |
| Falta de educação de casa  | 3                  |
| Falta de atenção/ desinteresse   | 2                  |
| Roupas inadequadas   | 1                  |

➤ Respeito

Os docentes citaram a falta de respeito como principal problema de indisciplina em sala da aula. Eles ressaltaram que os estudantes, muitas vezes, respondem mal aos professores, mas que, principalmente, a falta de respeito ocorre entre os próprios colegas. Foi muito citado o fato dos estudantes ficarem se implicando, agredindo-se verbalmente, tendo os professores que intervirem nos xingamentos entre eles. O desrespeito entre os colegas pode atrapalhar o andamento das atividades propostas, desviando o assunto da aula para outras preocupações que não a matéria. É importante que o professor tenha a consciência que é o seu papel intervir nessas situações para amenizar o confronto entre eles e, tentar conduzir o resto da aula de uma forma que os alunos fiquem menos tensos.

➤ Conversa

A conversa foi um dos fatores mais mencionados como indisciplina. É comum, nas escolas, escutar os professores advertindo os alunos neste aspecto. A professora Turquesa advertiu: “Hoje em dia, as aulas não são como antigamente, um silêncio mortal”. Existe dificuldade de controlar a quantidade de conversa entre os alunos. Isso pode não estar tão relacionado a problemas de autoridade, mas também pode representar outros aspectos, como por exemplo, a manifestação de uma aula monótona. Isso poderia servir de alerta para o professor, de forma que este tente abordar o assunto de uma nova forma, permitindo, assim que ocorra mais interação dos alunos na sala aula, conseguindo uma maior participação destes.

O sistema de horários da escola também pode interferir na conversa. Obviamente, um professor não pode esperar que os alunos não conversem durante toda uma manhã. Os momentos de conversa devem ser permitidos para que o aluno consiga um tempo de abstração. A concentração dos estudantes se dará por um determinado tempo e isso será dependente do nível de interação com a atividade proposta. Alguns alunos possuem maior facilidade de desvio do assunto, acabando por se desligar do tema proposto, podendo gerar conversas indesejáveis. É importante, portanto, que o professor com *autoridade democrática* consiga detectar momentos de aula que permitam esse tipo de interação entre os alunos.

Algumas escolas, por exemplo, permitem um maior tempo de intervalo entre os períodos, fazendo com que os estudantes consigam abstrair nesses momentos, poupando a conversa durante a aula. A liberação de cinco minutos de uma aula para uma conversa mais informal, também pode ser uma alternativa que diminua essa ação indesejada. Isso pode não só ajudar a diminuir a conversa durante a aula, mas também conseguir uma maior atenção e interesse dos alunos nos momentos que se deseje sua concentração, afirmando assim a autoridade do professor.

Durante meu período de estágio em escolas públicas, observei que muitas vezes as conversas poderiam não estar atrapalhando ou comprometendo o andamento da sala de aula, mas mesmo assim, alguns docentes reclamavam por qualquer manifestação do aluno, agindo com intolerância. Assim, os estudantes eram obrigados a permanecer completamente mudos durante o transcorrer de todo o período com aquele docente. Essa atitude de proibição exagerada da conversa favorece a representação de um professor autoritário, o qual não tenta compreender as razões do aluno por estar agindo dessa forma, não permitindo assim, nenhuma intervenção. O desejo de um “silêncio mortal”, como citado pela docente Turquesa, revela o resquício de uma herança autoritária, muito desempenhada nas escolas tradicionais do passado. Neste caso a proibição da conversa se torna algo sem sentido, fazendo com que o aluno não entenda o porquê dessa negação, mesmo em momentos em que a fala não atrapalharia o andamento da aula.

➤ Falta de obediência e educação de casa

A falta de obediência, como citado em uma das justificativas de indisciplina, pode se tornar uma característica perigosa que comprometa a autoridade do professor. A falta de cumprimento das regras pode dizer ao professor que ele não está sendo visto como uma autoridade. Portanto, ele deve agir de forma a conquistar o aluno para que ele se concentre no que o professor está propondo.

Três professores reclamaram que a falta de educação está vindo de casa, dizendo que os alunos atuam como querem em suas residências, e chegam à escola mostrando o mesmo comportamento, como: falta de limites e desrespeito do espaço dos outros em sala de aula. Isso nos remete a pensar, no que já foi dito no referencial teórico deste trabalho, quando discutimos sobre a perda de um referencial paterno nas famílias modernas e suas conseqüências. A desestruturação destas novas famílias pode comprometer a educação destas crianças no sentido de que os próprios pais não conseguem estabelecer limites aos filhos. Os

professores acreditam que nas casas de alguns alunos não é posto uma disciplina e que estas crianças chegam à sala de aula sem nenhum referencial de autoridade. A falta de limites e o desconhecimento de regras tornam mais difícil para os docentes exercer a sua autoridade e obter o respeito dos alunos. A ausência de autoridade pode ocorrer, por exemplo, com pais separados ou então, sobrecarregados de trabalho, os quais, muitas vezes, não desejam recriminar as ações dos filhos nos poucos momentos que passam juntos. Assim, tentam conquistar o afeto dos filhos sem contrariá-los. No entanto, essa falta de repreensões nas ações do filho gera conseqüência de indisciplina na escola, pois neste espaço o aluno não será o centro das atenções, tendo que se moldar as características deste ambiente. No entanto, esta adaptação terá maior resistência e sofrimento por este filho/aluno que não reconhece modelos de autoridade e que, portanto, não respeita a nenhuma lei posta. Nesta situação, os docentes ficam encarregados de assumir algumas responsabilidades que antes eram atribuídas aos pais.

É interessante observar o comentário da professora Verde quando ela diz que: “Os alunos que estão há mais tempo na escola, estão mais acostumados às regras e estrutura da escola do que aqueles que recém chegaram”. Ela ressalta que os estudantes há mais tempo na escola obedecem mais do que aqueles que recém entraram. Isso mostra que durante toda a escolarização há certa adaptação dos alunos aos regimentos da instituição, os quais acabam aceitando e cumprindo mais essas leis. Contrariamente, os estudantes que estudam há pouco tempo nessa escola não conhecem bem esses limites e possuem mais dificuldade de se adaptar as novas regras. Estes alunos devem passar por um período de adaptação a estas novas regras, onde testarão a firmeza dessas normas através da indisciplina. É importante, portanto, que os professores deixem claro para esses alunos a razão de estas leis estarem presentes para que, dessa forma, estes também possam valorizá-las e respeitá-las.

### **5.8 O que mais interfere na autoridade?**

TABELA 04 Em ordem decrescente são apresentadas as características, citadas pelos docentes de escola pública e particular, que mais interferem na autoridade.

| <b>O que interfere na autoridade</b>    | <b>Nº de vezes citado</b> |
|---|---------------------------|
| Não ter apoio dos pais/ super proteção/ | 4                         |

|  |   |
|--|---|
| família ausente                            |   |
| Não ter apoio da direção / escola          | 3 |
| Sociedade                                  | 2 |
| Poucos recursos/salário                    | 1 |
| Estatuto da Criança e do adolescente (ECA) | 1 |
| Mídia                                      | 1 |
| Falta de educação dos alunos               | 1 |
| Faixa etária                               | 1 |
| Horário de aula                            | 1 |
| Número de alunos                           | 1 |
| Não conhecer o conteúdo                    | 1 |

### ➤ Pais

Os pais foram os mais citados por interferir na autoridade dos docentes: ou pela sua super proteção, ou pela sua ausência. Muitos professores comentaram que a família ameaça com frequência colocar os professores na justiça por algum ato que eles não tenham gostado. É interessante observar que essa reclamação veio principalmente dos três docentes entrevistados nas escolas particulares e somente de um professor de escola pública. Podemos notar isso na fala da professora Musgo quando diz que: “Acredita que em escolas particulares a presença dos pais e a super proteção é maior do que em escolas públicas, onde tem menos intervenção”. Essa fala pode nos revelar que, os pais que pagam uma educação aos seus filhos, controlam mais e se acham mais no direito de intervir na atuação do professor do que aqueles pais que não pagam uma educação privada. Isso nos revela a visão mercantilista desses pais, os quais vêem o docente mais como seu empregado do que como um educador, de tal modo que se acham no direito de dizer a este o que devem e o que não devem fazer com os seus filhos. O professor Vermelho diz: “Os pais não sustentam a autoridade do professor, eles não reconhecem os filhos como indisciplinados”. Esta ação dos pais desvaloriza completamente a autoridade do professor, o qual fica “engessado” pela falta de apoio dos pais, sendo controlado por ameaças de processos judiciais e também ameaçado pela própria perda do emprego. Além disso, os alunos superprotegidos pelos pais acabam por fazer o que bem entendem na sala de aula, não reconhecendo o professor como uma autoridade, sabendo que todas as suas atitudes serão protegidas pelos seus tutores.

A ausência dos pais também pode ser um problema sério uma vez que os professores ficam sem ter a quem recorrer em casos mais graves de indisciplina. Os alunos acabam não tendo uma continuidade e acompanhamento por parte da família, que poderia ajudar na

resolução do conflito. Essa questão nos remete a pensar, no que já foi visto no referencial teórico deste trabalho, na entrega de responsabilidade da educação dos filhos para a escola. Os familiares da criança acabam não assumindo nenhum cargo de autoridade, não acompanhando o estudante na vida escolar. Isso dificulta o trabalho do docente, o qual ficará sem o apoio familiar. Além disso, o estudante não será orientado na sua casa, de forma a ser cobrado ou exigido alguma tarefa ou responsabilidade dele.

#### ➤ Direção

O apoio da direção foi o segundo mais votado como interferente na autoridade do professor. Mais uma vez essa questão foi mais citada pelos professores de escola particular (dois docentes de escola particular e um de escola pública), os quais ficam limitados por uma direção que não dá apoio a sua autoridade pelo medo de perder o seu principal “cliente”, que são os próprios alunos. Essa questão não deixa de ter relação com a falta de apoio dos pais, os quais pressionam a direção da escola para esse comportamento.

Curiosamente, apesar de serem os professores de escola particular os principais a reclamarem sobre a falta de apoio da direção, nenhum deles manifestou essa falta de apoio pela escola entrevistada. Isso pode nos induzir a duas conclusões: a primeira é que a escola entrevistada realmente sustenta a autoridade dos professores e, estes se referiram à falta de apoio da direção simplesmente por terem vivenciado isso em outras escolas que lecionaram anteriormente, ou então, pode nos dizer que os professores não quiseram falar sobre isso no questionário, justamente por receio de comprometer o seu emprego. De qualquer forma, é evidente que a falta de apoio à autoridade dos professores é mais presente em escolas particulares do que nas públicas, visto que isso foi citado mais por professores de escola particular. Essa característica novamente reflete a visão capitalista da coordenação, pais e sociedade como um todo, a qual desvaloriza um profissional que está sendo pago. Trata o docente como um mero serviçal prestador de contas, que deve agir conforme o cliente está pedindo. Isso é comprovado pelos próprios alunos quando não obedecem ao docente com a justificativa de que: “estou te pagando para tu me ensinar!”. Nesta situação o aluno desprestigia o professor simplesmente por entender que ele está prestando um serviço para ele, e que, portanto, ele é inferior ao estudante.

➤ Estatuto da Criança e do Adolescente

Outro ponto levantado como interferente da autoridade foi o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA). A professora Verde disse que qualquer fala do professor que possa parecer mais agressiva, ou até um tom de voz mais alto pode ser julgado pelo estatuto. Ela diz que “uma palavras simples como ‘cala a boca’ já pode gerar uma advertência para o ECA! No entanto, eles não entendem que quando o professor chega ao ponto de mandar o aluno calar a boca, é porque ele já fez muita bagunça antes.” Perder a paciência com o aluno não justifica o ato da professora mandar o aluno calar a boca, tendo em vista que esta fala manifesta uma falta de respeito do professor com o seu aluno. O professor, como adulto, precisa saber como dar limites a essa criança sem faltar com respeito. O estatuto que cuida dos direitos da criança interfere na autoridade hierárquica do professor, o qual pode vir a agir de forma mais violenta. No entanto, segundo esta professora qualquer ato contraditório pode vir a ser julgado por esta instituição, fazendo com que o docente tenha mais cuidado na forma de se referir ao aluno. Acho que isso é um ponto positivo, pois faz com que a relação professor-aluno se torne mais respeitosa. No entanto, acredito que a proteção da criança somente julga a atitude do professor e não a do aluno, o qual pode também vir a ser o agressor. O enfrentamento entre discente e docente é tratado, quase sempre, posicionando o aluno como vítima e o professor como o agressor. Contudo, esse fato ignora que o docente também pode vir a ser a vítima da situação.

➤ Quantidade de alunos

A quantidade excessiva de alunos também foi listada como um fator que atrapalha na autoridade do professor. Obviamente, é muito mais difícil controlar uma turma muito grande do que uma pequena, onde o docente poderá dar mais atenção para cada aluno, podendo intervir de forma mais adequada. Além disso, uma turma pequena possibilita que o professor conheça mais os seus alunos e consiga identificar possíveis problemas com uma maior proximidade. Acredito que a questão de turmas exageradamente grandes seja um problema tanto de escolas particulares quanto de públicas. Ambas tentam ao máximo construir turmas com mais alunos de forma a necessitar de menos professores. Além disso, turmas maiores permitem uma menor estrutura espacial, tendo em vista que se precisarão de menos salas para atender mais alunos. A questão de turmas grandes pode ser um problema bastante crescente nas escolas modernas, que prejudicam a qualidade de ensino, assim como a autoridade do professor, uma vez que estes não conseguem dar conta de toda a demanda e acabam

massificando muito mais a educação. Por isso, acredito que há, atualmente, uma grande valorização das aulas particulares, onde somente há um aluno para cada professor. Nessa aula o docente aplica o conteúdo de uma forma individualizada e especializada, preenchendo um hiato que a escola não dá conta.

➤ Horário de sala de aula e faixa etária

O horário de sala de aula também pode intervir na autoridade. Alunos mais agitados depois do recreio, ou então, cansados no último período de aula vão intervir de formas diferentes em uma aula. Quando há mais energia, no início da tarde, por exemplo, os alunos estarão mais dispostos, obedecendo mais ao proposto. No entanto, quando o aluno já está cansado e com baixo estímulo (no último período) participará menos, sendo mais resistente às propostas de atividade do professor.

A diferença de faixa etária também foi citada como um diferencial na prática de autoridade. Alunos mais novos, do Ensino Fundamental, necessitam ser lembrados constantemente das regras, muito mais do que alunos de Ensino Médio. Isso mostra como os estudantes passam por um período de adaptação às regras. Nesse momento, eles testarão a estabilidade dessas normas, as quais deverão ser lembradas freqüentemente até que eles aprendam a sua importância. Nessa situação, a autoridade do professor é extremamente importante para estabelecer os limites nesses alunos mais novos.

## **5.9 Qual o valor da profissão docente?**

“Abaixo de zero”; “Completamente sem valor”; “Falar sobre isso é muito triste, hoje em dia quem é professor é porque ama!”. Essas foram algumas falas reproduzidas pelos professores quando perguntados sobre qual o valor que é atribuído à profissão docente. Dos sete professores entrevistados, seis falaram que a profissão estava em declínio e somente uma professora, de escola particular, disse que não se sentia desvalorizada pela profissão, justificando que “Apesar de existir resistência pelos alunos, eu me sinto reconhecida por eles”.



A desvalorização da profissão docente foi justificada de várias formas. A professora Rosa destacou que: “As pessoas não dão valor, pois não conhecem. É preciso conhecer para dar valor!”. Essa fala pode nos revelar que muitas pessoas gostam de opinar sobre os problemas da educação, porém poucas têm o conhecimento real desse tema. Muitos expõem como ela deve ser; o que está errado e qual seria a solução de todos os problemas. No entanto, muitas pessoas, quando pensam na resolução das dificuldades da educação, pensam em professores e alunos imaginários, construídos pelas suas próprias idéias, atribuindo ações e falas que eles mesmos fariam. Contudo esses indivíduos imaginários não condizem com os indivíduos da vida real, os quais são muito mais complexos do que uma simples imaginação. Quero dizer que poucas pessoas conhecem realmente o que se passa dentro das escolas atualmente, e muitos se referem à educação pensando nos tempos em que eles estavam dentro das escolas. No entanto, os tempos mudam, as pessoas que estão dentro também mudam, os problemas que ali se apresentam serão olhados também com outros olhos. Segundo a professora Turquesa “Todos acham que entendem e querem dar sua opinião”. Entretanto, para conhecer é preciso olhar de perto, vivenciar, participar, se colocar no lugar, para assim, poder opinar com mais firmeza do que se está falando.

Mais uma vez, o baixo apoio dos pais foi citado como um contribuinte para o baixo valor da profissão. O professor Vermelho discute que “antigamente os pais aceitavam as reclamações dos professores: o que o professor dizia era lei”. Apesar de haver certo grau de saudosismo nessa fala, indicando que os tempos passados representavam épocas melhores, o professor evidencia como os pais desprestigiam, hoje em dia, a fala do docente. A relação entre pais e docentes não é mais de companheirismo para a solução de um problema incomum, que é a educação do filho/ aluno. Ao contrario disso, esses dois indivíduos se contrapõem em muitos pontos, e tentam argüir, enfrentando-se para ver qual tem a razão.

O baixo valor que é atribuído à profissão docente permite aos pais opinar de uma maneira, muitas vezes, rude com os professores faltando o respeito com estes profissionais. A professora Verde diz acreditar que nas escolas particulares ainda há mais preconceito em relação aos professores do que em escolas públicas. Na sua fala relata que uma mãe de aluna de escola particular desconfiou e duvidou dela agredindo-a verbalmente. A docente diz que somente agüentou as agressões por se tratar de uma escola particular. Isso evidencia, mais uma vez, a limitação que ocorre muitas vezes em instituições particulares quanto à autoridade do professor. Eles acabam se submetendo a certas situações pela questão do medo e falta de garantia do emprego. Além disso, esse comentário ressalta, mais uma vez, a visão da

sociedade que desvaloriza um capital menor do que o seu, vindo nisso, motivo para se sentir mais importante do que outra pessoa com menor capacidade de consumo, por exemplo.

O baixo salário foi comentado principalmente por aqueles professores de escola estadual, os quais atribuíram o desprestígio da profissão também pela baixa remuneração. Os baixos salários podem representar o descaso governamental perante a esta profissão. Isso acaba se refletindo na própria população a qual desvaloriza também esse tipo de cargo público. Além disso, a educação como princípio de melhoria de vida nem sempre é verdadeira. Muitos pais não vêm na escola uma etapa essencial para o sucesso profissional dos seus filhos. Por isso, acabam por desprestigiar o ensino, não transmitindo o incentivo de estudo para os seus filhos.

Os próprios profissionais, também podem transmitir para os seus alunos o seu próprio desestímulo pelo trabalho. É comum os docentes justificarem seu desânimo profissional pela remuneração desqualificada. Entretanto, essa fala contribui ainda mais para a sua desvalorização, fazendo com que os alunos e a sociedade desprestigiem mais o seu trabalho.

Três professores comentaram que a profissão docente era, no passado, muito mais valorizada do que atualmente. A professora Turquesa revelou que “Antigamente todos queriam ser professores” mostrando que essa profissão tinha prestígio e era almejada. A professora Amarela diz que “hoje em dia quem é professor é porque ama”, justificando que existem muitos fatores que fazem que o aluno se desinteresse pela sala de aula, como a mídia e outras tecnologias. Essas falas nos mostram que a valorização da profissão docente, assim como a autoridade deste profissional, entraram em declínio nos últimos tempos. Será que isso pode nos dizer, então, que existe relação no declínio da profissão docente com a perda de autoridade? Será que um influenciou o outro?

Acredito que quando um docente representa o seu desânimo profissional perante a turma, ficará ainda mais difícil para este conquistar a admiração dos seus estudantes, os quais olharão para o seu professor sem orgulho. A professora Verde confirma isso quando diz: “Eu ganho pouco, mas se eu ficar falando isso, aí é eu que me desrespeito”. Ela ainda ressalta que falta profissionalismo de certos professores. Penso que o reconhecimento de autoridade do professor exigirá que este represente uma figura respeitável, segura. Ao contrário disso, a transmissão de insegurança e abatimento pode fazer com que a criança não veja nesse professor traços de liderança. Desse modo, a autoridade do professor ficará em declínio, sendo o desprestígio da profissão um agravante.

Apesar disso, dois professores acreditam que a baixa remuneração justifica a falta de estímulo pela profissão, porém não justifica que a aula seja dada de uma forma

desqualificada. Eles afirmaram que o baixo prestígio da profissão não interfere na autoridade. Os docentes justificaram que as aulas não podem ser de pior qualidade, ou melhor, somente porque a profissão não está sendo valorizada e mal paga.

Apesar da discordância entre esses dois grupos de professores, os quais justificam ou não o declínio da autoridade pelo baixo valor atribuído à profissão, este tema serve de alerta para as possíveis causas da crise na autoridade. Como visto, nas falas destes professores, existem muitos fatores que podem influenciar na autoridade do docente. Todavia, não podemos ignorar que esses fatores afetarão de formas diferentes os professores, os quais têm caráter, personalidades e visões também distintas.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a autoridade docente se mostre em declínio, os resultados deste estudo mostram que os professores consideram que este é um componente importante e essencial para o ensino docente. Isso concorda com as opiniões já citadas neste trabalho de Durkheim (citado por Gomes, 2009) o qual afirma que a educação não é possível sem a representação de uma autoridade. Os docentes compartilham com a idéia de que a cobrança do cumprimento das leis ajuda a estabelecer regras, respeito e interesse do aluno pela matéria proposta.

Refletimos neste trabalho que ter autoridade não significa dar menos autonomia ao aluno ou então ser menos democrático. Ao contrário disso, a autoridade permite com que todos opinem, participem de uma forma organizada. A autoridade estimula a autonomia do sujeito, o qual, sob orientação, optará pelo caminho que mais lhe favoreça. A falta de liderança induz a um indivíduo autorizar-se por si mesmo, sem nenhum referencial, podendo, assim, ocupar o lugar dos outros, atuando sem democracia.

A distinção entre as diferentes autoridades como: autoridade hierárquica, autoridade democrática e autoridade negada, foram importantes para visualizar como os docentes enxergam estas diferenças de liderança. O questionário aplicado nos permitiu saber o que está sendo valorizado por esses docentes, apesar de não nos afirmar o que está sendo realmente aplicado nas escolas modernas, uma vez que as falas podem nem sempre reproduzir literalmente o que está sendo exercido. Apesar disso, os professores caracterizaram a autoridade democrática com definições complementares as de Furlani (1997), destacando um professor que sustenta sua autoridade pelo produto da relação, valorizado pela sua competência e estimulando a liberdade de expressão e questionamento dos seus alunos.

Aparentemente, os docentes entendem a importância da interação do aluno nas aulas através do diálogo, escuta e questionamentos. A segurança do professor foi dita ser essencial para que ele consiga conduzir a turma, ao mesmo tempo em que é flexível para novas sugestões. O autoritarismo parece ser uma característica desprezada pelos professores. Os docentes compreendem a importância do seu poder sobre o aluno, assim como Foucault, 1979 (apud Furlani, 1997), não na forma de repreendê-lo ou de dominá-lo, mas sim de uma forma a conduzi-lo para caminhos mais estáveis e seguros.

As dificuldades para exercer a autoridade foram justificadas por muitos fatores, como a falta de educação dos alunos (principalmente vinda de casa), a baixa obediência, a conversa excessiva e o próprio desrespeito com o professor. A dificuldade de lidar com esses fatores

fazem com que a autoridade docente se fragilize. No entanto, cabe a cada professor, com o apoio da direção escolar, saber lidar com essas situações contornando-as de uma forma não autoritária, fazendo com que a resistência dos estudantes não prevaleça.

Contudo, sabe-se que existem fatores que fogem da capacidade do professor em exercer a autoridade. A falta de apoio dos pais, direção e sociedade como um todo, podem não sustentar a autoridade do docente independentemente da vontade dele. Nesse caso, os professores ficam presos às exigências da direção, por exemplo, que acaba aprovando a indisciplina do aluno, pela garantia de pagamento no final do mês. Além disso, pais, super protetores, também podem restringir a autoridade do professor por ameaças na justiça, por exemplo, fazendo com que o docente limite o seu espaço de ação dentro da sala de aula.

É fato que a crescente desvalorização da profissão pela sociedade foi notada tanto em escolas públicas quanto em particulares. Como afirma Fleig (1999, p.37), *para que o docente consiga transmitir algo ele deve estar investido de um valor*, logo se este valor não está consolidado, a construção do conhecimento fica prejudicada. Como dito pelos próprios docentes, essa desvalorização foi agravada pelos baixos salários em escola estaduais, pela supervalorização econômica em escolas particulares ou, até mesmo, pela desesperança em relação à educação que forneça uma vida melhor. Atualmente, a escola não consegue mais dar garantias para o seu estudante de um emprego seguro e um futuro melhor. Isso acaba por desestimular a sociedade a qual não vê na escola algo promissor, não valendo o esforço para estar nela.

A relação entre a desvalorização da profissão e o que influi no declínio da autoridade foi bastante aprovada pela maioria dos professores. Isso mostra que é muito provável que o professor que não consegue ter orgulho do seu trabalho, também não consegue transmitir isso para o seu aluno, comprometendo, assim, a visão dos estudantes sobre ele, junto com o fracasso na autoridade. Essa relação não foi comprovada por todos os professores, os quais demonstraram não achar correto manifestar o seu desagrado pela sua profissão para os alunos, os quais não devem ter relação com isso. No entanto, acredito que a relação entre esses dois fatores será dependente do ponto de vista de cada professor, o qual se afetará mais o menos pelo desprestígio da sua profissão. Isso pode ser agravado pela falta de auxílio recebida pelos professores, os quais demonstraram não possuir muito amparo em situações de conflito a não ser os conselhos dos outros docentes colegas.

Os resultados obtidos das entrevistas com os docentes permitiram observar de uma forma mais direcionada alguns dos problemas relacionados com o declínio da autoridade docente nas escolas. Muitas das falas reproduziram muitas discussões vistas na literatura

mostrando que este trabalho conseguiu reproduzir, na medida do possível, algumas realidades vistas nas escolas e já consideradas por outros autores. Apesar disso, um estudo mais aprofundado sobre o tema pode trazer algumas considerações não vistas nesse trabalho, como por exemplo, a concordância com a fala dos professores e suas atitudes em sala de aula, ou então, a fala dos pais em relação a esta temática, uma vez que estes foram citados por serem os maiores interferentes.

Todas essas questões levantadas nos remete a pensar que não existe uma razão única que explique a crise na autoridade. Certamente, muitos fatores interferiram para chegar a este ponto, onde observamos falta de limites e respeito, ausência de referencial, desmoralização de certos valores e conceitos. O fato é que conceitos de autoridade devem ser restabelecidos na nossa sociedade, para que a educação recupere o seu valor e seja dada a devida importância às pessoas que nela se inserem.

## 8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENHART, Livio Osvaldo. **Uma teoria da educação : esclarecimento acerca do papel do/da professor/a.** In: Revista de ciências humanas (Frederico Westphalen). Frederico Westphalen, RS Vol. 7, n. 8 (jun. 2006), p. 51-67.

BARROS FILHO, Clovis. **Por uma escola Formadora.** Extra classe, ano 15, número 146, agosto de 2010-09-19.

CABISTANI, Roseli Maria Olabbariaga. **Sentidos da Função paterna na educação.** Porto Alegre, UFRGS, 2007. 126f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

CALLIGARIS, Contardo. **Três Conselhos para a educação das crianças.** In. Calligaris, Contardo e outros. Educa-se uma criança? Porto Alegre, Editora: Artes e Ofícios, 1994.

DUFOUR, Dany- Rober. **Rumo ao “capitalismo total”?** In: Adverso : jornal da Associação de Docentes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre N. 92 (1. quinzena dez. 2001), p. 8-9

FERREIRA-JR, Acácio de Assunção. **Autoridade ou Autoritarismo? A “Didática do Comportamento”:** uma necessidade na relação Professor-Aluno.

FLEIG, Mario. **O discurso do professor: entre a autoridade e a escravidão.** C. da APPOA, Porto Alegre, n. 69, junho 1999

FURLANI, Lúcia M. Teixeira. **Autoridade do professor: meta, mito, ou nada disso?** São Paulo Editora Cortez. 5º edição. 1997. Coleção: Questões da nossa época v.39

GOMES, Carlos Alberto **Poder, autoridade e liderança institucional na escola e na sala de aula: perspectivas sociológicas clássicas.** Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 17, n. 63, p. 235-262, abr./jun. 2009

KUPFER, Maria Cristina. **Freud e a Educação, O mestre do Impossível.** Editora: Scipione. São Paulo, 2001

NEVES, José Luis. **Pesquisa Qualitativa – Características, usos e possibilidades.** Cadernos de Pesquisa em Administração. Vol.1, n.3. São Paulo, 1996.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. **Autoridade docente interrogada.** Extra-classe – revista de trabalho e educação. Editora: Sinpro minas. Ano 2, número 2, volume 1 – jan/jun 2009.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. **O Relacionamento e seu avesso na ação do bom professor.** Lopes, Eliana Marta Teixeira (org). A Psicanálise escuta a Educação. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 1998.

SANTOS NETO, Jose Martins dos. **Sobre o declínio do prestígio e da autoridade dos docentes.** In: Dois pontos : teoria & prática em educação. Belo Horizonte Vol. 3, n. 23 (verão 1995), p. 118-120

SCHILLING, Flávia. **Educação em direitos humanos: reflexões sobre o poder, a violência e a autoridade na escola.** Univ. Psychol. Bogotá, Colombia V. 7 No. 3 Pp. 691-700 Sept-Dic 2008 ISSN 1657-9267



## 9 ANEXOS

### 9.1 ANEXO 1: Perguntas realizadas para os professores durante as entrevistas

#### QUESTIONÁRIO

**ESCOLA:** \_\_\_\_\_

**PROFESSOR:** \_\_\_\_\_

**DISCIPLINA:** \_\_\_\_\_

|  |
|--|
| 1. O que o professor entende sobre autoridade docente?   |
| 2. Como você entende a diferença entre autoridade e autoritarismo?   |
| 3. Quando um professor está com problemas de indisciplina em sala de aula, o que a escola faz? Os professores são orientados de como agir? Se sim, como? |
| 4. Quais são os principais problemas de indisciplina vistos aqui na escola?  |
| 5. Enumere 5 características que deveriam estar presentes em um professor que exerce autoridade de forma democrática:                                    |
| 6. Enumere 5 características que não deveriam estar presentes em um professor que exerce autoridade de forma democrática:                                |
| 7. Quais fatores que interferem na autoridade de um professor?   |
| 8. Qual valor que você acha que é atribuído à profissão docente? O que tu achas?   |

## 9.2 ANEXO 2: Respostas dos professores de escola pública

|   | Verde  | Rosa   | Vermelho  | Azul   |
|---|--|--|---|--|
| <b>Professor acha a autoridade importante?</b>                      | Eu entendo que ela deve existir. No início do ano letivo é importante estabelecer algumas regras e contratos entre professor e aluno onde cabe a cada um desempenhar o seu papel. Nos tempos atuais os alunos não obedecem tanto como na minha época!<br>Tudo é negociável, e o professor que não negocia não consegue nada dos alunos.  | A autoridade é importante, pois ela ajuda a ter respeito.  | Autoridade docente é saber manter a disciplina adequada para aprendizagem. Tem que ter autoridade e não ser autoritário. Acredito que com adolescentes deve se ter mais autoridade.   | Entendo que ela está em declínio. As leis amarraram os professores. Acho a autoridade necessária mais não está sendo colocada em prática, pois a muitas leis que facilmente são colocados processos julgando a atuação do professor. |
| <b>Professor distingue autoritarismo e autoridade?</b>              | Autoritarismo é uma imposição. Ter autoridade significa ser responsável de um cargo, significa delimitar algumas coisas, alguns parâmetros. É preciso respeitar. Por exemplo, eu não gosto da governadora, mas tenho que respeitá-la. Ela é uma autoridade. O professor deve conquistar essa autoridade: através de sua competência, maneira como trata o aluno, sorri para eles. Acredito que existem formas de se falar as coisas. Tem que ter cuidado com o que se fala. Hoje em dia, facilmente os alunos podem processar o professor. Tem que ter equilíbrio entre chegar muito solto (sem firmeza) ou muito autoritário. Perdoar os alunos é muito importante também. É normal que eles errem e a escola está para corrigir esses erros. | Tu podes ser uma pessoa autoritária ou tu podes ter autoridade. Ter autoridade é algo que precisa de respeito. É essencial não misturar as funções e ter discernimento (entre autoridade e autoritarismo). | Autoridade: Quando o professor tem conhecimento e domínio da sua matéria e domina o que está tentando transmitir;<br>Autoritarismo: Prevalece somente a opinião do professor sobre a do aluno. Este professor não aceita intervenção do aluno em relação ao seu trabalho.   | Autoridade: Mantém a hierarquia, mas também consegue dialogar<br>Autoritarismo: Impõe e não aceita contestações.   |
| <b>Assessoramento do professor / modo de resolver indisciplina:</b> | A escola assessora, ela dá um respaldo. Se o professor não está conseguindo lidar com a indisciplina do aluno. Os professores não são obrigados a ficar com o aluno em sala de aula se ele não consegue lidar. Os alunos também recebem assessoramento. A direção conversa com o aluno de forma a solucionar o problema, e os pais também são informados.  | Sim, primeiramente se aplica várias advertências orais, depois uma advertência sobre escrito. Depois se passa um comunicado para a família. E em último caso se pensa em uma expulsão                      | Sim, existe orientação. Eu dou preferência para resolver os assuntos na própria sala de aula. Evito retirar o aluno para fora da sala. A psicopedagoga fala com os alunos se o caso é mais grave. Aí, é feito uma ocorrência e os pais são chamados á escola para conversar com a coordenação pedagógica.<br>Em relação ao amparo aos próprios professores, é possível conversar com a psicopedagoga da escola. | O professor tem apoio da direção, mas a direção não pode fazer muita coisa. Ela procura solucionar o atrito, conversando com os pais e o próprio aluno. A família tem um papel importante neste processo.                            |
| <b>Principais</b>   | Conversa em sala de aula, brincadeiras e falta   | Falta de respeito com o professor e entre  | Os alunos respondem mal aos professores,  | Falta de cumprimento das normas da escola.   |

|   |   |   |   |   |
|---|---|---|---|---|
| <b>problemas de indisciplina:</b>   | de atenção. Isso ocorre principalmente no Ensino Fundamental. Os alunos que já estão a mais tempo na escola, e estão mais acostumados as regras e estrutura da escola, dão menos trabalho de indisciplina.  | eles mesmos.  | revidando; existe muita conversa; o professor chama a atenção e eles não escutam; o espelho de classe não é aceito e cumprido; entre os próprios alunos não existe respeito.  | Aluno não vem para estudar. Eles conversam muito, e muitas vezes, até o tipo de roupas que vem as alunas vem é inadequado, principalmente entre as meninas. Os professores devem cuidar-se, pois qualquer ação pode ser julgada como assédio sexual.  |
| <b>Características mais citadas que devem estar em um prof. com autoridade democrática:</b>     | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Tolerância</li> <li>- Bom censo</li> <li>- Ser firme</li> </ul> <p>- Carinho pelos alunos, pois eles também são carinhosos</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Respeito</li> </ul>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- diálogo</li> <li>- escutar o aluno</li> <li>- Compreender a faixa etária</li> <li>- Transmitir segurança (professor inseguro passa isso para os seus alunos)</li> <li>- Ser flexível. Não se pode considerar somente o teu ponto de vista.</li> <li>- Ter bom senso. Quando um conteúdo não dá de uma forma, tem que tentar fazer de outra.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Domínio de classe;</li> <li>- Domínio de conteúdo;</li> <li>- Respeito com os alunos;</li> <li>- ouvir o aluno;</li> <li>- Colocar claro as regras e disciplinas.</li> </ul>     | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer o conteúdo;</li> <li>- Saber transmitir;</li> <li>- Principal cumpridor das normas da escola; ele que vai dar o exemplo;</li> <li>- Ser simpático com os alunos;</li> <li>- Professor não deve faltar;</li> <li>- Ser justo.</li> </ul>             |
| <b>Características mais citadas que NÃO devem estar em um prof. com autoridade democrática:</b> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Gritar com os alunos;</li> <li>- Não cumprir os contratos;</li> <li>- Ser mal humorado;</li> <li>- Desrespeito;</li> <li>- Intolerância</li> <li>- fraco nas decisões</li> </ul>   | <p>Ao contrário as da outra pergunta:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- não ter diálogo, não escutar o aluno,</li> <li>- não compreender a faixa etária,</li> <li>- não transmitir segurança</li> <li>- ser inflexível.</li> </ul>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Não deixar o aluno se expressar;</li> <li>- Não ter respeito em relação ao professor e aos colegas;</li> <li>- Dar ordens que não possam ser questionadas.</li> </ul>            | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Não ter domínio da matéria;</li> <li>- Não saber transmitir o conteúdo;</li> <li>- Professor que não cumpra as normas;</li> <li>- Ser rude com os alunos;</li> <li>- Professor que falta;</li> <li>- Ser injusto.</li> </ul>                                 |
| <b>O que mais interfere na autoridade?</b>  | <p>ECA (Estatuto da Criança e do adolescente). Este estatuto serviu para crianças com problemas de violência, mas também interfere muito para os professores. Palavras simples como “cala a boca” já pode gerar uma advertência para o ECA. No entanto, muitas vezes quando um professor manda o aluno calar a boca, é porque este já fez muita bagunça antes.</p> <p>Acho sim que a baixa auto-estima do professor interfere na autoridade. Hoje em dia as pessoas valem pela conta bancária, o que elas usam e compram. As pessoas são mais ter do que ser.</p>                                 | A sociedade, a mídia, os poucos recursos e o salário.   | A falta de apoio dos pais. Eles não sustentam a autoridade do professor. Eles não reconhecem os filhos como indisciplinados. A sociedade em geral não apóia!  | Não ter caráter; não ter apoio da direção; não ser um professor dominante em sala de aula, porque não consegue impor a disciplina; não conhecer o conteúdo; muitas atitudes dos professores são erradas e acabam por não permitir que o professor seja respeitado (ele dá um mal exemplo aos alunos)! |
| <b>Valor atribuído a profissão docente:</b>   | <p>Abaixo de zero. O professor, hoje em dia, não tem nenhum valor. O professor é o profissional mais desmoralizado que existe. O outro dia, a minha colega disse que a limpadora ganhava mais por hora do que ela ganhava.</p> <p>Eu ganho pouco, mas se eu ficar falando isso, aí é eu que não me respeito. Falta profissionalismo para muitos professores.</p> <p>Qualquer pessoa se acha no direito de desconfiar e duvidar. O outro dia, uma mãe, de uma aluna da escola particular me chamou de mentirosa. Ela foi extremamente arrogante. É comum agressões verbais contra os docentes.</p> | Depende de quem esteja se falando: O aluno, sociedade ou país. Eu, particularmente, acho que o profissional está desvalorizado. As pessoas não dão valor, pois não conhecem. É preciso conhecer para dar valor.   | A profissão docente está completamente sem valor, desprestígio perante a sociedade. Baixos salários, sem apoio dos pais. Antigamente os pais aceitavam as reclamações dos professores: “o que o professor dizia era lei”. | <p>Hoje em dia o professor não está tendo valor nenhum. De todos os profissionais que tem nível superior, os professores são os que tem menos valor.</p> <p>Não, o baixo prestígio do professor não interfere na autoridade do professor. Não é porque eu ganho mal, que vou dar uma má aula.</p>     |

|  |  |  |  |  |
|--|--|--|--|--|
|  | <p>Eu agüentei a mãe me chamando de mentirosa, pois era uma escola particular. A sociedade não respeita, não valoriza. Acredito que nas escolas públicas há mais respeito. Nas particulares, é explícito nas reuniões com os professores, que evidenciam que o aluno é cliente. É comum que os pais abram processos contra os professores, mas o contrário não. Em uma briga com os pais, os docentes sempre perdem.</p> |  |  |  |
|--|--|--|--|--|

### 9.3 ANEXO 3: Respostas de professores de escola particular

|   | <b>Musgo</b>   | <b>Amarelo</b>   | <b>Turquesa</b>  |
|---|--|--|--|
| <b>Professor acha a autoridade importante?</b>                      | <p>A autoridade é totalmente necessária. É necessária para organizar os adolescentes e impor limites. No entanto, autoridade não é só mandar, deve-se também oferecer perspectivas. Deve-se elogiar e também dizer que está errado quando necessário.</p>  | <p>Sim é importante. Educadores devem ser o fio condutor sem ser autoritário. Deve-se estar sempre aberta, escutar sugestões. Além disso, deve-se preservar a qualidade do ensino e o respeito entre aluno e professor e entre eles também.</p>  | <p>Autoridade é importante, mas é um tema cada vez mais difícil, conseguir ministrar uma aula de forma tranqüila, de forma que todos participem. Hoje em dia, as aulas não são como antigamente, um silêncio mortal. Deve-se dar voz ao aluno, dar oportunidade para ele se expor. Deve ocorrer uma integração do aluno com professor.</p> |
| <b>Professor distingue autoritarismo e autoridade?</b>              | <p>Autoridade: características anteriores.<br/>Autoritarismo: é quando o professor não tem moral, não é líder, quer ser respeitado mas não respeita</p>  | <p>Autoridade: Seguir uma seqüência de trabalho, saber o conteúdo, saber conduzir.<br/>Autoritarismo: Plano engessado, não é aberto a sugestões e não ouve o aluno. Hoje em dia não há como ser professor assim, sem ser aberto. Esse tipo de professor não é uma classe muito valorizada.</p> | <p>Autoridade: Ouvir o aluno, pois eles trazem idéias novas; respeito com o professor com integração.<br/>Autoritarismo: era em épocas passadas. Aqui o professor é auto-suficiente, não se permite aprender com o aluno. Não há oportunidade para ninguém falar além do professor.</p>  |
| <b>Assessoramento do professor / modo de resolver indisciplina:</b> | <p>Eu não tenho muitos problemas com relação à indisciplina. Mas quando não há como resolver diretamente com o aluno existe um professor regente de sala, que atua como um conselheiro de turma, o qual lida com essas situações. Existe também a supervisão da escola que também recebemos bastante respaldo nestas situações. Aqui na escola acredito que não tem protecionismo, tanto aluno quando professor tem voz.</p> | <p>A escola apóia bastante a autoridade dos professores. Existe uma equipe de orientadores e coordenadores. Aqui, tudo é muito debatido e falado.</p>  | <p>A supervisão e direção ajudam e orientam. Há discussão em conselhos de classe sobre os problemas da turma. São tomados procedimentos comuns entre todos os professores e todos tentam seguir os acordos. Há uma boa integração entre os professores. A supervisão, quando necessário, chama os alunos para conversar.</p>               |

|   |   |   |   |
|---|---|---|---|
| <b>Principais problemas de indisciplina:</b>  | Acredito que os maiores problemas vêm da falta de educação de casa. Os alunos fazem o que querem nas suas casas (sem limites) e chegam à sala de aula fazendo o que querem também. Não respeitam os espaços da sala e acabam atrapalhando os outros colegas.  | Os problemas de indisciplina vêm muitos de casa. Muitas vezes não há respeito entre eles e com os professores.  | Alunos vêm sem limites das suas casas e acabam não se portando bem em sala de aula. Falta educação de casa. Alunos muitas vezes, não respeitam professores mais velhos. Eles tomam atitudes que parecem ignorar a sala de aula. |
| <b>Características mais citadas que devem estar em um prof. com autoridade democrática:</b>     | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Observar pontos positivos dos alunos;</li> <li>- observar pontos negativos dos alunos;</li> <li>- Propor alternativas para as diferentes situações; <ul style="list-style-type: none"> <li>- saber ouvir;</li> </ul> </li> <li>- saber falar, transmitir e também argumentar;</li> <li>- ter senso de justiça.</li> </ul>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Saber ouvir;</li> <li>- mostrar que domina o conteúdo;</li> <li>- saber lidar com as diferenças;</li> <li>- estar preparado para lidar com desafios;</li> <li>- conduzir o trabalho, o clima de sala de aula de maneira coerente.</li> </ul>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>- escuta;</li> <li>- diálogo;</li> <li>- vontade de mudar (aceitar as modificações);</li> <li>- entender o aluno como ser humano e não como uma máquina.</li> </ul>                      |
| <b>Características mais citadas que NÃO devem estar em um prof. com autoridade democrática:</b> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- democracia exagerada</li> <li>- Selecionar coisas que não procedem;</li> <li>- professor que exerce autoridade não pode querer ser “amigo” do aluno (limitar a relação);</li> <li>- não pode mentir, inclusive em relação ao conteúdo, quando o professor não sabe, deve admitir que não sabe e buscar a resposta mais tarde.</li> </ul>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ser autoritário exageradamente <ul style="list-style-type: none"> <li>- não dialogar;</li> <li>- não ouvir;</li> <li>- estar engessado;</li> <li>- não ser flexível</li> </ul> </li> </ul>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>- ditador;</li> <li>- auto-suficiente;</li> <li>- não aprender com ninguém.</li> </ul>   |
| <b>O que mais interfere na autoridade?</b>  | Os pais super protegem os seus filhos. Seria bom, colocar limites nos pais. Acredito que em escolas particulares a presença dos pais e super proteção é maior do que em escolas públicas, onde tem menos intervenção e, muitas vezes, existe falta de cultura dos pais. Acredito que a própria falta de educação dos alunos interfere na autoridade. Tem que estar sempre lembrando eles das regras. A faixa etária também interfere na autoridade. Alunos novos devem ser mais controlados. O horário também interfere. Alunos mais cansados, no último período, não obedecem tanto as regras. | Número excessivo de alunos em sala de aula; <ul style="list-style-type: none"> <li>- Não apoio da direção e coordenação</li> <li>- Família ausente.</li> </ul>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Quando a escola não apóia a atitude do professor;</li> <li>- A família, todos interferem na atividade dos professores. Todos acham que entendem e querem dar sua opinião.</li> </ul>   |
| <b>Valor atribuído a profissão docente:</b>   | Para mim é nota dez. Acredito que sem a profissão que eu exerço não existe nada. Para mim a profissão é prestigiada. Não me sinto desvalorizada, gosto do que eu faço. Apesar de existir resistência pelos alunos, eu me sinto reconhecida por eles.  | Falar sobre isso é muito triste. Hoje em dia quem é professor é porque ama, pois existem muitos fatores que fazem com que o aluno se desinteresse pela sala de aula. Lidar com a família é muito difícil, pois eles entregam muito da responsabilidade de educação dos filhos para a escola. Acho sim que o baixo prestígio do professor pode interferir na autoridade. | Professor mais desvalorizado do que tempos atrás. Antigamente todos queriam ser professor. Acho que o desprestígio dos professores não interfere no fracasso da autoridade. Não vou fazer uma aula melhor ou pior por isso.     |